O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 14 DE SETEMBRO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:502

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.** —Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O fim da farça.—Na agonia.—Ao governo.—D. Antonia Leonor de Brito Caldas.—Ao sr ministro da marinha.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Sobre negocios da Companhia do Nyassa.—A batalha do Bussaco.—Conde de Valenças.—A paz no Rio Grande: Um artigo do «Temps».—A origem do commercio do vinho com a Inglaterra.—Folhetim: Magdalena. — Collegio de S. Bento.—Carta de Vizeu.—Carta de Espinho.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Parte litteraria.—Carta de Goes.

AVEIRO

O fim da farça

E' absolutamente insustentavel a situação politica. O ministerio tem de ceder aos empurrões da opinião publica.

Fraquissimo como estava por dissidencias profundas e incompatibilidades graves que havia de longa data entre os seus membros, abalado por todos os desastres de politica externa, colonial e financeira, trazido pela sua leviandade e incompetencia; repellido por toda a velha guarda do partido regenerador, mal visto por todos os seus antigos correligionarios da provincia, e amaldiçoado por todos os membros da grande familia liberal que tem estado dia a dia a atraiçoar, a sua vida não podia deixar de ser curta, e tudo presagiava uma queda rapida e desastrosa.

Apressou agora esse desfecho a infausta morte do mallogrado ministro dos negocios estrangeiros, que era a alma e a força do ministerio, pela sua rara e insinuante habilidade de unir e desunir quando convinha, de luctar ou de transigir, segundo as conveniencias politicas da occasião, e de ter sempre um expediente engenhoso para a situação mais embaraçosa. A sua falta no seio do gabinete é irreparavel.

Podem os seus collegas agora querer approveitar o tristissimo ensejo para se recompôr. Mas duvidâmos que a corôa se aventure a mais essa manifestação accintosa de injustificado favor partidario, e que haja mesmo quem se arrisque a partilhar das tremendas responsabilidades que pesam sobre a cabeça dos ministros actuaes.

O ministerio poderá ir-se arrastando, quando muito, e ignominiosamente, até ao fim d'este periodo tradiccionalmente consagrado ás villegiaturas e a todas as despreoccupações. Logo porém que a vida politica do paiz se restabeleça, e entrem de novo em acção todos os elementos de combate partidario, veremos abrir-se o alçapão por onde costumam sempre sumir-se os personagens das magicas regeneradoras.

Se ainda se demoram em scena é porque o machinismo do theatro está ronceiro. O publico que se não impaciente. O pano vae cahir.

Na agonia

A crise ha muito existente no seio do governo, accentua se agora com positiva evidencia. Já não ha duvidas.

A morte subita do ministro sobre que acaba de fechar-se um tumulo, decretou-a o destino tambem para o governo. Para aquelle, o paiz que muito tinha a esperar das suas faculdades e dos seus recursos, julgou a uma fatalidade, e assim foi. Para estes, o fim da vida ministerial tem-n'a a nação inteira como um grande bem, e assim é.

De facto o ministerio terminou a sua missão execranda. Nada lhe resta já para fazer. Assaltando o poder pela traição, tomando pela calumnia as redeas da governança, elle foi até ao fim na vertiginosa carreira, de atropello em atropello, de immoralidade em immoralidade, de violencia em violencia, pela via das humilhações, catastrophe em catastrophe, infortunio em infortunio, por todos os degraus da escala das degradações humilhantes.

Dissolveu camaras e associações; amordaçou a consciencia publica; prohibiu a faculdade de reunião e a liberdade do pensamento; suppriniu o direito do voto e a manifestação do direito; estabeleceu a desordem; esmagou as franquias populares; substituiu pelo arbitrio a pureza immaculada da justiça; cuspio no perdão augusto que é o symbolo da paz e o evangelho da patria; fez leilão do nosso patrimonio d'alem mar; envolveu na onda de lama em que se afunda, o nome portuguez; vendeu a liberdade; esmagou a estatua da justiça, e decretou até a pena de morte. Que mais póde pretender ainda?

A sua missão terminou, sim! Nada lhe resta já para completar a obra de destruição que se impôz. Póde sahir portanto, que o dia em que o fizer marcará nos registos da historia patria uma data memoravel. Memoravel porque só então resurgiremos para a vida, para a paz e para a felicidade. Memoravel porque só então raiará, em todo o explendor da sua luz e da sua grandeza, o sol consolador da liberdade.

O governo agonisa emfim. Tem como mortalha as imprecações de muitos e a maldição de todos. Abriu-lhe a cova o tristissimo acontecimento que todo o paiz deplora, e que fez voltar o heroe do tractado com a Gran-Bretanha á gerencia da pasta por que nos malquistára já com o Brazil.

Já não vae sem tempo. Mais vale tarde do que nunca.

Ao governo

Communicam-nos do Congo noticias importantes. Tem-se alli dado factos graves, devido sobretudo ao desleixo do nosso *bom* governo. Para estas questões sérias, que merecem as attenções de todos os portuguezes não tem vista nem acção. No meio os seus amigos, vá arranjando os seus cambalachos, vá-se sustentando a todo o transe, e o mais que importa? Deixar lá que o *deficit* vá augmentando, que o paiz se veja a braços com difficuldades enormes, que os estrangeiros, emfim, nos roubem os restos das nossas antigas glorias d'Africa! Isso que vale, se o governo podér conservar-se por mais uns mezes ou dias? Valha-nos Deus.

Oxalá que elle vá tomando juizo, e vá olhando com mais attenção para os negocios ponderosos que os jornaes da opposição lhe vão mostrando. Hoje cabe-nos, mais uma vez, a nós, o fazermos esse serviço.

E' preciso que o governo veja o que se está passando no nosso Congo, e tracte de providenciar. Os belgas tem continuado sempre a fazer imposições, e a prender ospretos do Congo portuguez, não obstante os protestos que um nosso digno funccionario alli tem feito. Como o governo se não importa...

Alli os estrangeiros, commerciantes ou missionarios, andam sempre adeante dos nossos, chegando o missionario d'uma sociedade ingleza, Baptiste, a ter já ido escolher terreno para uma casa. Ora isto é impossivel. Não podemos estar impassiveis, vendo que as nossas colonias, que tanto custaram a conquistar aos nossos antepassados, vão sendo roubadas a pouco e pouco.

O governo deve oppôr todos os meios de resistencia de que disponha, a essa gente que nos vae esbulhando. Não é só com o nosso protesto, nem com o dos nossos funccionarios de lá, que elles se detêem, não. Elles não se importam com isso. O que elles querem é ir levando para si esse nosso terreno, e não param com qualquer coisa. O governo não providencia, não olha para isto, e depois... lá se vae tudo.

Que infeliz nação!

D. ANTONIA LEONOR DE BRITO CALDAS

> A morte é doce para aquelles a quem a vida é amarga.
>
> R. BASTOS.

No dia 5 do corrente, falleceu no logar e freguezia de Renelles, D. Antonia Leomor de Brito Caldas, filha do dr. Francisco Manuel de Brito Caldas, lente, que foi, na faculdade de Philosophia e bacharel formado em medicina, irmã do dr. Manuel José de Brito Caldas, clinico distincto, e do dr. Francisco Maria de Brito Caldas, que exerceu varios cargos na magistratura, e foi um cidadão reconhecidamente prestante. Era tambem tia affins, de quem escreve esta funebre noticia.

Não lhe assistimos aos ultimos momentos quando a morte se lhe encostou ao leito para se travar em lucta com a vida; mas sabemos que esta se submettera resignada; não deu um estremeção, não fez uma visagem, porque a agonisante era uma crente da immortalidade.

Trabalhou, mas anteviu o premio; padeceu, mas antevira o triumpho...

Serenamente restituiu a alma a quem lh'a déra; chegou confiada á extrema, e descançou!...

As provações por que passára, as borrascas que soffrera, os sacrificios em que se immolára, por certo lhe lembraram então como festiva memoria de todos esses perigos que mais não volvem.

Cremos que, na derradeira agonia, quando a palavra já lhe não podia servir o pensamento, cogitaria o que Bosouet exclamava: «Salvador meu, é chegada a hora; ver-vos-hei como juiz e desde já appelo para a vossa misericordia... Adeus, meus irmãos mortaes... adeus, ó egreja santa...

Adeus vos digo sobre a terra; encontrar-nos-hemos no Céu...

ELYSIO FREIRE D'A. PESSOA.

AO SR. MINISTRO DA MARINHA

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Dirigimo-nos a v. ex.ª porque a necessidade a isso nos obriga.

Desculpe-nos v. ex.ª porque o vamos illucidar, quando isso não é de nossa competencia, pois que tem v. ex.ª muitos dos seus empregados que com mais conhecimento de causa o podiam fazer. Mas nós somos d'esta cidade e por isso mais auctorisados pela experiencia que os factos nos tem mostrado, e é este o unico motivo do nosso arrojado intento.

Consta-nos que v. ex.ª sollicitára do seu collega das obras publicas o estabelecimento d'uma linha telegraphica para o pharol da Barra. O seu collega mandou aqui um empregado superior dos telegraphos, mas com ordem para montar um telephone.

Esta linha esteve funccionando alguns annos, e o seu resultado foi sempre nullo—porque o barulho do mar n'aquella costa e o ruido das correntes das outras linhas na estação telegraphica d'esta cidade, faziam com que nada se percebesse, tanto d'um lado como do outro.

Sabemos que no pharol não ha empregado habilitado a funccionar com o systema Morse, mas tambem sabemos que essa pratica se adquire em 10 ou 15 dias, logo que qualquer individuo se lhe dedique, e por isso teriamos em pouco tempo um bom serviço telegraphico entre a Barra e Aveiro.

E', pois, por esse motivo que hoje nos dirigimos a v. ex.ª para dizer que com o serviço telephonico nada lucramos, porque ha dias em que mandando se um portador entre qualquer d'estes pontos, o reccado chega mais breve que um telegramma. Além d'isso é necessario notar-se que o serviço telegraphico na Barra nada custa a montar, segundo nos consta, pois que ha na estação de Aveiro mezas proprias para esse serviço e a aprendizagem, caso os pharoleiros não saibam, em pouco importa. Era, pois, um bom serviço que v. ex.ª prestava a esta cidade, entendendo-se com o sr. Madeira Pinto ou com o seu collega das obras publicas para se conseguir a modificação que tanto desejamos.

Oxalá que estas linhas callem no animo de v. ex.ª, e que de vez se faça um serviço regular, pois que até aqui os resultados tem sido contraproducentes.

Um habitante de Aveiro.

CARTA DE LISBOA

13 DE SETEMBRO DE 1895.

Finda a tregua que a inesperada morte do ministro dos negocios estrangeiros veio pôr nos acontecimentos politicos do paiz, voltemos á lucta, que o dever patrio impõe, contra o governo, a todos os liberaes portuguezes.

Falla-se em eleições. Nas adegas vae já um borborinho de misturas sem conta nem medida, e nas tabernas colloca-se o loureiro novo, especie de iman que attrahirá o eleitor que alli vae entregar a consciencia, com a facilidade com que atirará o voto para a urna.

Abrem-se as arcas do thesouro, agora robustecidas com o producto das contribuições illegalmente cobradas pelos heroes da situação, tributos que representam as lagrimas choradas de milhares de familias desprotegidas, o sacrificio de todos, a miseria e a ruina de muitos desgraçados, que não terão pão para os filhos, mas que hão de arranjar para as estravagancias immoralissimas do governo.

Se chegarão a fazêl as, as pretendidas eleições, elles, os ministros que se furtaram covardemente a dar contas dos seus actos ao parlamento, elles, os despotas do mando, que tudo sacrificaram ás ambições do poder, á politica fatal e condemnada dos seus interesses mesquinhos, ha muito ainda quem duvide. A morte do infeliz ministro dos estrangeiros, que era ainda uma força, a unica com que elle podia contar no paço, veio feril-o de morte.

Asseguram-me que o gabinete pensa em completar-se, mas o certo é que tal lhe será muito difficil, se não impossivel, pela incerteza que a situação offerece, ou antes pela certeza firme de que se não aguentará muitos dias. Isto vem de fonte limpa, dos privados do governo, a quem o ouvi ainda hoje. E', portanto, uma interrogação o dia de ámanhã para a existencia opprobiosa do ministerio, que ha de, afinal, cahir para jámais tornar a erguer-se do charco immundo que para o proprio tumulo reservou.

Nunca ninguem desceu tão baixo.

Continuaram correndo hontem e hoje os mais desencontrados boatos ácerca do governo. Dizia-se que o sr. bispo de Bethsaida entraria para a pasta dos estrangeiros, ficando o sr. Hintze só com a da fazenda. O sr. Moraes de Carvalho, solicitado para entrar no ministerio, mais uma vez se recusou. O sr. visconde de Chancelleiros, tambem sollicitado, procedeu de egual fórma. O maior numero dava, porém, o governo como absolutamente desorganisado e em crise.

Os srs. presidente do conselho e ministro do reino estiveram hontem de tarde no paço da Pena e demoraram-se em larga conferencia com o chefe do Estado. Esta conferencia, longa como foi, e o facto de não ter reunido o conselho de ministros que devia effectuar-se, são positivas manifestações de crise, mas total, porque a parcial não satisfaz as reclamações justissimas do paiz.

Hoje de tarde reuniram apressadamente no gabinete do sr. Hintze Ribeiro (ministerio da fazenda), os srs. João Franco, Ferreira d'Almeida, Pimentel Pinto e Antonio d'Azevedo. Conselho de ultima hora, de que foi dispensado o sr. Campos Henriques. A conferencia foi larga. Na antecamara viam-se os srs. Julio de Vilhena e Moraes de Carvalho, que depois conferenciaram tambem com o sr. Hintze. Em seguida a esta conferencia, o sr. Moraes de Carvalho dirigiu-se para o ministerio do reino, sendo logo admittido pelo sr. João Franco.

Affirma-se e com insistencia, mesmo depois das declarações da *Tarde*, que se trabalha com enorme actividade para uma *recomposição*, que no entender geral será mallograda diligencia para salvar um ministerio agonisante. Isto está tudo podre.

— Foi imponente o sahimento funebre do desditoso ministro dos estrangeiros. Ao fim da tarde de quinta-feira, o cadaver do sr. conselheiro Carlos Lobo de Avila foi retirado do leito e encerrado na urna funeraria, que foi coberta com flôres naturaes, predominando as myosotis. A urna foi em seguida conduzida para a egreja de S. Martinho, em Cintra, por altos dignitarios, entre elles o srs. presidente do conselho e ministros do reino, da marinha e da guerra. Após o feretro iam mais de 300 pessoas, entre ella ministros de estado honorarios, titulares, escriptores, officiaes da força destacada em Cintra e authoridades. A urna foi collocada sobre uma eça, onde foram depostas ricas e vistosas corôas. O cadaver foi velado durante a noute pelos bombeiros vorluntarios de Cintra e pelo sr. D. Francisco Galveias. Quando o feretro foi conduzido á mão da egreja para a estação do caminho de ferro de Cintra, pegaram ás fitas e argolas do caixão os ministros, srs. João Franco e Pimentel Pinto, e os srs. Emygdio Navarro, Eça de Queiroz, Bernardo de Pindella, Barbosa Colen, Antonio Costa, D. Francisco Galveias e José Parreira. O feretro veio no comboyo das 11 horas. Quando chegou á estação do Rocio, pouco passava do meio dia. Via-se alli grande multidão de personagens, ministros, membros do corpo diplomatico, as principaes authoridades, representantes da imprensa e de diversas corporações litterarias e scientificas, além de muito povo. A guarda de honra era feita pelo corpo de marinheiros, em toda a sua força.

O prestito, que levou bastante tempo a formar, era enorme, seguindo d'alli para o cemiterio dos Prazeres. No cortejo tomaram parte os representantes da familia real, o ministerio, o corpo diplomatico, a officialidade de diversas armas, pessoal superior de muitas repartições publicas, representantes da imprensa e de outras corporações, etc. No prestito iam mais de 200 carruagens. O feretro foi em uma carruagem da casa real, seguindo atraz um esquadrão de cavallaria. Foram depostas muitas corôas, sendo notaveis as offerecidas por el-rei, pela rainha D. Maria Pia e pela familia do finado, e ainda as offerecidas pelo ministerio, camaras municipaes de Lisboa, Cintra e Cascaes, Centro Regenerador do Porto e Centro Regenerador de Lisboa. Os navios de guerra surtos no Tejo, tinham as vergas em signal de luto e as bandeiras a meia haste. Quando o cortejo chegou ao cemiterio, os corpos da guarnição, em pequena força sob o commando do sr. general de divisão, formavam ao longo da porta. Dentro do cemiterio estava uma força de bombeiros municipaes. A' beira da sepultura fallaram os srs. presidente do conselho em nome do governo; barão de Paçô Vieira, em nome do Centro Regenerador do Porto; e dr. Queiroz Ribeiro.

Em demonstração de sentimento, fecharam a Bolsa, Camara de Commercio e Industria, as secretarias e as outras repartições publicas.

Os paes de Carlos de Avila lastimam a perda do filho querido e choram incessantemente. A sr.ª condessa de Valbom teve já hoje duas syncopes.

O governo brazileiro telegraphou hontem ao sr. dr. Assis Brazil, encarregando-o de dar os pesames ao governo portuguez pela morte do sr. Carlos Lobo d'Avila.

A todas as legações e consulados de Portugal no estrangeiro foi expedida uma circular telegraphica, participando-lhes a morte do sr. Carlos Lobo d'Avila, e de ter assumido interinamente a pasta dos negocios estrangeiros o sr. Hintze Ribeiro. Esta ultima parte, produz lá fóra um pessimo effeito, porque o sr. Hintze é mal visto.

— Cintra, a formosa villa nossa visinha, está-se tornando fatal. Ha poucos dias, a morte do infeliz ministro dos estrangeiros, e logo depois a da esposa do ministro do Brazil!

Na manhã de quinta-feira, o corpo da pobre senhora foi mettido n'uma riquissima urna e transportado para a camara ardente armada n'uma sala, e ás 6 horas da tarde foi soldado e conduzido para a egreja parochial de Cintra, onde o acompanharam alguns amigos do illustre diplomata, e o pessoal da legação e do consulado do Brazil. Vi lá algumas corôas, entre ellas offerecidas pelo marido, pelos filhos, pelo sr. visconde de Faro e Oliveira, pelo sr. conde do Alto Mearim, pela sr.ª viscondessa de Moraes, por madame Costa Motta, pello sr. Henrique Guimarães, pelo sr. consul Vieira da Silva, etc. O funeral realisou-se hontem, ás 10 horas da manhã, ficando a feretro depositado no cemiterio de Cintra, no jazigo do sr. Victor Sassetti, até que o sr. dr. Assis Brazil determine o transporte para o Rio Grande do Sul. Os delegados das commissões installadoras das Associações Commercial dos Lojistas e Industial, foram alli dar os pezames ao sr. dr. Assis Brazil e depôr corôa no feretro da esposa d'aquelle diplomata. O sr. dr. Assis Brazil está inconsolavel com perda tão dolorosa.

— Reconciliaram-se os srs. Urbano de Castro e Emygdio Navarro, que ha sete annos tinham cortado relações. Foi um artigo d'este sobre a morte do ministro dos estrangeiros que emocinou aquelle e o levou a offerecer pazes.

— Conta-se que o sr. João Franco está furioso com os luxos de manobras que o incorrigivel ministro da guerra teimou em realisar. O Festas é homem dos diabos, não ha que ver.

— O governo acaba de receber de Lourenço Marques este telegramma:

Lourenço Marques, 12—Ultramar—Lisboa.—Por ordem do commissario régio, a força da columna que estava em Lourenço Marques atacou no dia 8 Mague, valhacouto do Mahazul e do regulo da Zichacha. As perdas dos rebeldes, entre mortos e feridos, sóbem a perto de 300; as nossas, exclusivamente em praças de pret, são 6 mortos e 25 feridos, dos quaes nenhum de gravidade. O inimigo, cuja força era de cerca de seis mil combatentes, debandou depois de meia hora de renhido fogo. Informa o capitão Freire de Andrade, que commandava o ataque, que as nossas forças se portaram valentemente.—*Governador*.

Este governador é fertil em boas novas. O peior é que a realidade fria das coisas vem depois desmanchar o annunciado.

Em compensação, recebem-se por outro lado d'estas communicações:

Tanger, 12.—Os riffenhos arabes, que habitam em Tanger, atacaram os riffenhos protegidos pelos portuguezes. Travou-se uma verdadeira batalha na grande praça do mercado, ficando mortos alguns dos combatentes e feridos mortalmente muitos outros.

Foram levados para Fez no dia 5 d'este mez 17 prisioneiros berberes. O resto das kabildas de Altyusi rendeu-se á discripção. O sultão Abdel-Azis perdoou-lhes, e mandou regressar as tropas aos seus quarteis.

— A reforma de instrucção secundaria contínúa levantando attritos e protestos. Esses attrictos já se teem frisantemente manifestado e, segundo opinião dos entendidos na materia, accentuar-se-hão em outubro, por parte dos alumnos e em especial dos professores. De toda a parte surgem tambem os protestos. A camara municipal de Faro convidou todas as demais dos concelhos do Algarve a representarem contra a reforma que tanto prejudicou a instrucção n'aquella provincia.

— Mais pandega, ou quero dizer mais creditos. No ministerio da fazenda foram abertos dois creditos especiaes: um de 7:900$000 réis para despezas da installação de pessoal, material e administração do presidio militar de Santarem, e outro de 11:450$000 réis para pagamento de despezas com o movimento de tropas, reclamado por outros ministerios. O Festas é o vivo demonio. Nada lhe chega.

— Deu hoje entrada no ministerio da marinha um requerimento pedindo a creação d'uma companhia denominada Homens Nauticos, que seria composta de individuos saidos dos quadros dos officiaes da marinha mercante, com o fim de organisar um pessoal de praticos para serviços fluviaes no Tejo, especialmente no que respeita á pilotagem.

— Foi definitivamente approvada pela commissão technica a polvora sem fumo, do capitão de artilheria, sr. Antonio Xavier Correia Barreto. Consta que o uso da mesma polvora no exercito será brevemente decretado.

— Diz-se que todos os funccionarios que téem de seguir viagem de Moçambique para o oriente, serão mandados sahir no transporte *Africa*.

— Vae ser exonerado de administrador do concelho das Vellas o sr. Sequeira de Moraes, suspenso por causa de um processo por abuso de auctoridade. Para o substituir parece que será nomeado o tenente, sr. Francisco Ignacio Pimentel, que já em tempo foi indigitado para este logar.

— O sr. conde de Ormesson, ministro da França em Lisboa, é recebido ámanhã, seguindo-se a recepção diplomatica.

— Parte ámanhã para Celorico, no Sud-Express, o sr. ministro da guerra, que vae assistir ás manobras.

— Lisboa vae receber a visita d'um navio de guerra brazileiro. Por estes dias entrará no Tejo o *Aquidaban*—depois da implantação da republica chrismado em *24 de maio*—cuja visita foi hoje officialmente confirmada.

— Ordenou-se que principiasse a revisão de serviço das novas matrizes do concelho de Estarreja. Esse trabalho levará seis mezes, approximadamente.

— A' hora a que fecho esta, continuam os boatos de crise ministerial. O *Universal*, folha extremamente affecta á situação, declara hoje que o ministerio ficou muito abalado com a perda de Carlos Valbom, e que não sabe se o gabinete poderá dispôr de forças para resistir a tão terrivel golpe. Isto não é novidade para ninguem, mas tem valor dito pela folha regeneradora.

— Consta que o sr. dr. Assis Brazil vae deixar a legação em Portugal.

Y.

NOTICIARIO

Dr. Castro Mattoso.—Chegou na quinta-feira pela manhã á sua casa da Oliveirinha, o nosso illustre amigo e digno deputado da nação, sr. dr. Castro Mattoso. Sua ex.ª tem sido alli muito cumprimentado.

Notas da carteira.—Acha-se ha dias n'esta cidade o nosso amigo, sr. Julio Augusto Ferreira, illustrado capitão de cavallaria, em serviço na escola de Villa Viçosa. S. ex.ª, que é um perfeito cavalheiro, e a quem Aveiro deve serviços, é aqui por isso muito estimado, e conta amigos sinceros, que muito folgáram com a sua visita, sentindo apenas que fosse tão curta.

— Tambem se acha aqui o sr. Julio Cesar de Campos, digno major de cavallaria n.º 10, estando já em exercicio no corpo.

— Partiu ante-hontem para a Carregosa, e d'alli para Arouca, o nosso distincto collega e apreciabilissimo escriptor, o sr. João Augusto Marques Gomes, que vae lá fazer entrega dos preciosos objectos e paramentos que figuraram nas exposições sacra e religiosa de Lisboa e Aveiro.

— Esteve ha dias em Aveiro o distincto poeta e infatigavel colleccionador d'objectos d'arte, o sr. Guerra Junqueiro.

—Esteve aqui tambem ha dias o sr. João Francisco das Neves, illustrado parocho de Esgueira e nosso amigo.

— Tem estado doente, porque soffreu um leve insulto apopletico, o sr. José de Freitas Paiva, abastado proprietario da casa do Couto, e administrador substituto de Castello de Paiva.

— Está na sua casa de Paradella o sr. D. Manuel, arcebispo de Mitylene.

— Passou no domingo o 13.º anniversario natalicio da sr.ª D. Maria Emilia Barbosa Falcão de Azevedo, filha mais nova do nosso amigo e illustre chefe do partido progressista de Estarreja, sr. Francisco Barbosa da Cunha Sotto-Maior.

—Está em Estarreja o sr. dr. João Carlos Themudo Rangel, conhecido advogado do Porto.

—Tem estado doente a sr.ª D. Marianna Rosa C. Telles, de Estarreja.

— Veio hontem a esta cidade uma *troupe* de formosas senhoras hespanholas, que vieram d'Espinho gosar as vistas da encantadôra filha do Vouga.

Thermas e praias.—Regressou da praia de Espinho ao seu solar da Boa Vista, o nosso illustre amigo, sr. conde de Castello de Paiva.

— Já se acha na Barra a sr.ª D. Aduzinda Amador de Pinho, esposa do nosso amigo, sr. David José de Pinho.

— Para a Costa Nova do Prado partiram o sr. Francisco da Silva Carvão, secretario da administração d'este concelho, e padre Bruno Monteiro Telles dos Santos, orador sagrado.

— Partiu para a Barra a familia do nosso presado amigo, sr. Manuel Anthero Baptista Machado.

— Para a praia da Torreira partiu o sr. commendador Manuel José Marques da Silva Tavares.

— Já partiram tambem para a Costa Nova do Prado, sr. Francisco Emilio da Luz e Costa, e sua familia.

— Permanece na praia da Barra d'Aveiro o nosso distincto amigo, sr. dr. Abel de Mattos Abreu, integerrimo juiz de direito de Mangualde.

Cavallaria 10.—O esquadrão de cavallaria 10, que tinha de marchar para os exercicios da 2.ª divisão pela via ordinaria, recebeu nova ordem para seguir pelo caminho de ferro. A marha, deve, pois, effectuar-se hoje, n'um comboyo expresso, que sahirá d'esta cidade pelas 10 horas e 40 minutos da noite, em direcção a Celorico da Beira. O almoço d'amanhã, que irá feito d'esta cidade, terá logar depois da chegada áquella villa. O esquadrão vae na força approximada de 100 cavallos, e tem por commandante o sr. Augusto Candido de Souza Araujo, capitão, e por subalternos os srs. tenentes Valente e Figueiredo Antas, e alferes Cruz e Saporiti Machado.

Boa viagem e muitas felicidades.

— Por ter pedido a sua reforma o sr. coronel Andrade, deve ser promovido ao mesmo posto, na proxima ordem do exercito, o sr. Jeronymo de Faria, tenente-coronel de cavallaria 10.

— Na mesma ordem do exercito deve ser transferido para a vaga do sr. Jeronymo de Faria, do regimento de cavallaria 8 para o 10, o tenente-coronel, sr. Antonio Maria de Moraes Pinto Sarmento.

— O sr. Alvaro José, alferes de cavallaria 10, que esteve fazendo serviço na escola pratica de cavallaria em Villa Viçosa, regressou ha dias a esta cidade.

40 maiores contribuintes.—Na sala das sessões da camara municipal d'este concelho, reuniram em assembleia, na quinta-feira ultima, os 40 maiores contribuintes do concelho, convocados pela camara para emittirem o seu parecer sobre o lançamento do addicional de 15 p. c. ás contribuições do Estado, com applicação á instrucção primaria, approvando-o por maioria de 20 votos contra 6.

Collegio de S. Bento.—Publicamos hoje um novo annuncio d'este acreditado estabelecimento de educação e ensino, que é na capital do norte o que mais bem cabida fama tem conquistado, e o que incontestavelmente mais vantagens offerece aos paes que quizerem dar a seus filhos uma completa educação litteraria e scientifica.

Habilmente dirigido pelo sr. Bento José da Costa, que tem consagrado ao seu espinhoso mister todas as faculdades do seu espirito esclarecido e toda a boa vontade de que é capaz uma dedicação excepcional como a sua, o collegio de S. Bento tem por tal forma estabelecidos os seus largos creditos de estabelecimento de primeira ordem, que creou no paiz o bom nome de que com justiça goza.

N'outro logar do nosso jornal, encontrarão os leitores a lista dos alumnos d'esta magnifica casa, approvados no corrente anno, e por ella avaliarão da forma porque alli se ministra o ensino. Chamamos, pois, para essas publicações a attenção dos leitores.

Fallecimento.—Cedendo, emfim, aos estragos d'um padecimento cruel, falleceu na madrugada de sabbado ultimo o sr. João Evangelista dos Santos Marques, filho do acreditado commerciante d'esta cidade, sr. João Maria dos Santos. O extincto contava apenas dezenove annos de edade.

Os nossos pezames a sua familia.

Senhora do Rosario.—Festeja-se ámanhã em Esgueira muito pomposamente a Virgem d'esta invocação, havendo funcção d'egreja e procissão. Hoje ha vespera, com vistosa e profusa illuminação, fogo, e musica, tocando a phylarmonica *Aveirense*. D'esta cidade concorre alli muita gente, tanto hoje como ámanhã.

Senhora d'Ajuda.—A'manhã tem logar a costumada festividade em honra da dita Senhora, que se venera na sua capellinha, sita perto do jardim publico. Consta de funcção de egreja e arraial, tocando n'elle a phylarmonica, *Amizade*.

Romaria.—Hoje e ámanhã tem logar na quinta da Senhora das Dores, em Verdemilho, povoação proxima d'esta cidade a costumada romagem da mesma invocação, havendo alli no arraial da capella, illuminação, fogo e musica. A concorrencia, tanto de gente das varias freguezias d'este concelho e do d'Ilhavo, com das terras da beira-marinha, é sempre muito grande.

Grande tourada em Espinho.—A'manhã realisa-se na praia de Espinho uma brilhante corrida de seis bravissimos touros, apartados a capricho nas abundantes manadas do sr. Francisco Mauricio de Carvalho, acreditado lavrador de Nazareth da Ribeira. E' cavalleiro o distincto amador, sr. Josué Gomes Duque, de Torres Novas, e bandarilheiros, os applaudidos artistas José Ronda, Antonio Trapa, Francisco e Angelo Peixinho, Agostinho Barata e Avelino Xavier (el Canario). Haverá um jocoso intervallo, desempenhado pelo arrojadissimo *habitante do ar* e seu companheiro, que promettem voar sem o auxilio de azas, fazendo rir muito o publico. Abrilhantará esta corrida a excellente banda do Azylo Escola, d'esta cidade. Como se vê, a corrida offerece bellos attractivos, merecendo, portanto, uma concorrencia numerosa.

O calote.—Os professores de instrucção primaria do concelho d'Oliveira d'Azemeis, não receberam ainda as gratificações do ultimo trimestre, a que por lei teem direito.

Como os ministros vão comendo á larga, que importa que um pobre professor morra de fome?

Trabalho de pesca.—O mar permittiu hontem o trabalho, mas ainda com pouco resultado. Pesca, petinga com rarissima mistura de sardinha. Hoje o mar é extremamente bom, tão bom que sairam barra fóra muitas bateirinhas para a pesca do carangueijo. As companhas trabalham todas e em todas as costas.

As marinhas da ria.—O tempo permitte a continuação da safra, esperando alguns marnotos que trabalham em melhores marinhas tirar ainda algum resultado. Se assim fôr será bom, porque a deficiencia da colheita já effectuada foi tal que marnotos ha que não tiram para a despeza de moços.

O sal novo conserva o preço de 25$000 reis a medida de 15:000 litros, mas tem de subir, porque a colheita foi pequena, tão pequena que com certeza não chega para o pedido. O velho conserva-se sem preço, mas das mãos em que esta não sahirá barato.

Na Figueira, em Lisboa e Setubal subiu já de preço.

Fecundidade.—Uma mulher da freguezia de Loureiro, concelho d'Oliveira d'Azemeis, deu á luz, na semana passada, tres creanças, sendo duas do sexo masculino e uma do sexo feminino. As duas primeiras nasceram em um dia, uma apoz outra, e foram baptisadas n'esse mesmo dia, morrendo horas depois. A parturiente, depois do parto, continuou a sentir dôres, dando á luz no dia seguinte outra creança morta, do sexo feminino. O ultimo nascimento causou surpreza, porque em seguida ao das duas primeiras creanças se tinham operado regularmente todas as funcções do parto, nada fazendo prever o nascimento da terceira. Houve, pois, dois partos distinctos, devendo considerar-se gemeos sómente as duas creanças antes nascidas.

SOBRE NEGOCIOS DA COMPANHIA DO NYASSA

Alguns individuos requereram ao juiz do tribunal do commercio, em meados de junho do corrente anno, a convocação de uma assembléa geral extraordinaria da *Companhia do Nyassa*, dizendo-se accionistas e pretendendo provar esta qualidade com certificados passados por outros cavalheiros que, por deliberações de uma assembléa geral legalmente convocada e constituida, já tinham deixado de fazer parte dos corpos gerentes da companhia á data em que passaram esses certificados.

E' claro que o juiz só podia ordenar tal convocação no caso d'ella ter sido antes requerida ao presidente da meza da assembléa geral e este se ter recusado a convocar os accionistas para a reunião, (§ unico do art. 180.º do Codigo Commercial).

Succedeu, porém, que ao presidente legal da *Companhia do Nyassa* nada havia sido requerido, e, entretanto, o juiz deferiu o pedido e uma assembléa geral foi mandada convocar para 27 de julho, ordenando se que a reunião tivesse logar nas casas da rua da Prata, n.º 145, 1.º andar, dependencia do escriptorio dos srs. Centeno & Companhia, onde funccionára a administração da companhia, mas d'onde fôra transferida para a rua do Alecrim n.º 20 A, por deliberação do conselho de administração, em fins de março do corrente anno.

Apezar da manifesta illegalidade do despacho do juiz e das reclamações que sobre tal lhe foram feitas, manteve elle o seu despacho, e muitos individuos, dizendo-se accionistas da *Companhia do Nyassa* se reuniram no mencionado dia 27, nas casas da rua da Prata, n.º 145, e alli, ao que parece, se constituiram em assembléa, *mesmo sem se acharem satisfeitas as condições dos estatutos*, como preceitua o § unico do art. 180.º do Codigo Commercial.

Alguns dos membros do conselho de administração dirigiram-se a esse local á hora indicada nos avisos expedidos pelo tribunal do commercio, e o Visconde d'Asseca, no momento em que os individuos alli reunidos se preparavam para fazer constituir a meza, sob a presidencia do sr. conselheiro João Marcellino Arroyo, leu e depôz em seguida sobre a meza o seguinte

PROTESTO

O visconde d'Asseca, na qualidade de accionista e na de presidente do conselho de administração, e portanto da assembléa geral da companhia do Nyassa, sociedade anonyma de responsabilidade limitada; André de Proença Vieira, membro do conselho de administração; Joaquim José Coelho de Carvalho, membro do conselho fiscal, e o conde de Mossamedes, accionista de 7:500 acções, protestam solemnemente contra esta reunião, á qual não reconhecem a qualidade de assembléa geral pelos seguintes fundamentos:

1.º Porque nos termos do artigo 180.º e § 1.º e 183.º do Codigo Commercial e indispensavel para o tribunal poder estatuir sobre o assumpto que a convocação seja requerida a quem tem a qualidade para o fazer, isto é, ao presidente da assembléa geral, e ao primeiro abaixo assignado ninguem apresentou requerimento algum de convocação;

2.º Porque a petição de convocação foi apresentada ao tribunal instruida com documentos falsos, segundo consta dos artigos de falsidade que o primeiro e o quarto abaixo assignados deduziram;

3.º Porque a reunião foi ordenada com tal precipitação, que d'esta ficaram excluidos todos os accionistas que não tivessem, muito antes do despacho convocatorio feito o deposito dos seus titulos, o que constitue uma violencia inaudita;

4.º Porque a lista dos accionistas com direito a voto foi organisada não se sabe como nem por quem;

5.º Porque se infringiram os preceitos expressos dos artigos 189.º § 1.º e 4.º do Codigo Commercial;

6.º Finalmente, porque todos os precedentes da convocação revelam dolosa mancommunação do chamado grupo inglez, com os membros demissionarios ou demittidos do conselho de administração, contra os quaes as justiças criminaes estão procedendo.

Lisboa, 27 de julho de 1895.—*Visconde de Asseca, A. de Proença Vieira, Joaquim José Coelho de Carvalho, Conde de Mossamedes.*

Adherimos plenamente a este protesto.—*Conde do Lavradio* e *D. João de Lencastre e Tavora.*

O secretario da Companhia, S. Chaves d'Aguiar, fez publicar nos jornaes que elle e os demais collegas que, por qualquer impedimento, não assignaram este protesto, concordavam absolutamente com elle, e compartilhavam toda a responsabilidade.

Em seguida todos os membros de corpos gerentes signatarios d'este protesto se retiraram, e os individuos que alli ficaram constituiram-se em sessão, na qual segundo vimos nos jornaes, foi lida pelo sr. Luciano Monteiro, uma moção fundamentada em numerosos *considerandums* contrarios á verdade dos factos, e que por isso entendemos dever publicamente refutar, com as seguintes considerações:

1.º *Considerando* que as deficiencias de documentos e escripturação na séde official da Companhia do Nyassa em Lisboa (rua da Prata, n.º 145, 1.º andar) foram exclusivamente devidas á situação creada ao abrigo:

1.º Do artigo 14.º § 2.º dos seus estatutos que permittiu a celebração d'uma primeira assembléa geral extraordinaria em Londres;

2.º Do artigo 24.º alinea *l* dos mesmos estatutos que auctorisou a assembléa geral extraordinaria a delegar nos *comités* estrangeiros as funcções administrativas que julgasse convenientes, com exclusão do exercicio de soberania;

3.º E da 6.ª resolução tomada na referida assembléa geral extraordinaria effectuada em Londres a 30 de março de 1893, em que usando d'aquella faculdade, conferiu ao *comité* n'aquella cidade, todos os poderes, direitos e deveres, pertencentes ao conselho de administração, com excepção do direito de soberania, sendo esta resolução, assim como todas as outras tomadas na assembléa, approvadas pelos srs. visconde de Asseca, Baldomero Mitchell e Coelho de Carvalho, n'ella representados por procuração;

A delegação conferida ao *comité* de Londres, em virtude do disposto no artigo 14.º § 2.º dos estatutos, não podia nunca justificar a falta dos livros legaes na séde, porquanto, por disposição dos mesmos estatutos, artigo 35.º, e pelo decreto de concessão, todas as resoluções e actos praticados pelo *comité* no estrangeiro deviam ser communicados á séde em Lisboa immediatamente; portanto, são censuraveis os administradores de Londres e de Lisboa por não terem cumprido logo n'este ponto com os seus deveres.

Fomos representados effectivamente por procuração, e só pela carta em que o nosso procurador nos communicou o que se passára na assembléa geral em Londres tivemos conhecimento do que alli se resolveu; e, como se vê n'essa carta, (documento n.º 1.) as informações eram muito incompletas, e a acta da assembléa geral nunca lográmos vêr, senão ha poucos dias, pois o sr. Antonio Centeno declarou que esse papel se perdera; e voltando de Londres em janeiro d'este anno, disse ter trazido uma outra copia, mas que não nos mostrou, apezar dos nossos repetidos pedidos.

*

2.º *Considerando* que esta situação terminou inteiramente depois de approvado o contracto de 21 de março de 1895 entre a Companhia do Nyassa e o sr. Campbell, como representante do Ibo Syndicate, Limited, em virtude do qual desappareceram de facto os poderes extraordinarios a que acabamos de referir-nos, concedidos á representação da Companhia em Londres, se resolveu fazer o devido balanço até á data da apresentação das contas submettidas aos accionistas, e se determinou que d'ahi em diante a escripturação fosse feita em duplicado, em Lisboa e Londres, encontrando-se hoje na devida regularidade, na séde em Lisboa, a escripturação completa da Companhia desde a sua fundação até ao presente; sendo certo que ás mencionadas disposições do contracto Campbell e suas necessarias consequencias foram approvadas na presença do sr. visconde de Asseca, que assistiu á sessão em que o mesmo contracto foi adoptado;

—

Em primeiro logar o *comité* de Londres não podia ter menos de dois membros e esses foram os srs. Wilson e barão de Merck, mas o sr. Merck declarou que abandonára em fevereiro de 1894 o serviço da Companhia, e só reassumira as suas funcções de administrador em março de 1895; portanto, não existia *comité* de Londres, funccionando legalmente desde a sahida do sr. Merck. Além d'isto, e antes que este reapparecesse na administração, na sessão do conselho de administração de 7 de janeiro de 1895 resolveu-se significar ao sr. Wilson, d'accordo com elle mesmo, que os poderes especiaes que haviam sido conferidos ao *comité* (vidé telegramma de Merck, documento n.º 2), e acta de 7 de janeiro de 1895, publicada pelo sr. Arroyo, não deviam continuar a ser exercidos por elle Wilson.

Emquanto ao contracto com o Ibo Syndicate, é certo que as consequencias d'este foram approvadas na presença do visconde de Asseca, mas tambem é certo que este protestára contra tal contracto.

*

3.º *Considerando* que a auctorisação dada, na sessão do conselho de administração de 17 de março de 1893, aos srs. Bernardo Daupias & C.ª, para levantar da caixa geral dos depositos a quantia de 18:000$000 réis, que por elles alli fôra depositada á ordem da companhia, (como deposito de 10 p. c. da primeira série de acções a emittir, effectuada pelos mesmos em nome dos socios fundadores da sociedade), nada mais representa que a ordenação d'um pagamento effectuado por conta de George Hume, Limited, áquella casa commercial, pagamento que a escripturação accusa devidamente balanceado na conta do mesmo George Hume, Limited, com a companhia do Nyassa:

—

Censurámos que na acta em que esse pagamento foi auctorisado não se dissésse a razão d'elle e continuamos a censurar que, visto que havia entradas e sahidas de dinheiro em Lisboa, o que se prova por este mesmo pagamento, não houvesse livros legalmente arrumados, d'onde todas as operações effectuadas constassem.

*

4.º *Considerando* que o credito de George Hume, Limited, com a companhia foi approvado na mencionada assembléa geral extraordinaria de Londres, nomeadamente pelos srs. visconde de Asseca, Beldomero Mitchell e Coelho de Carvalho; e sendo, alem d'isto, verdade que o sr. Beldomero Mitchell collaborou na resolução tomada na sessão do conselho de 17 de março de 1893, a que nos referimos no considerando anterior;

—

D'uma copia que ha pouco tempo vimos da acta da sobredita assembléa geral, não se diz a quanto monta o credito a favor de George Hume; falla-se, sim, em approvar pagamentos provenientes d'um contracto entre George Hume, Limited, e J. A. Cloetta, celebrado em 14 de fevereiro de 1893, isto é, um mez antes da constituição da companhia, mas tal contracto nem foi transcripto no corpo da acta, nem sabemos o que elle encerra, porquanto, quem tinha de formar a companhia era a firma Bernardo Daupias & C.ª, que teve contracto com Hume para este fim, contracto que não careceu de ser approvado previamente pelo governo, como o decreto de concessão mandava, porque effectivamente Daupias figurou na escriptura de constituição e fez os respectivos depositos de dinheiro na Caixa Geral, como encorporador ou organisador da dita companhia, de que Wilson (ou George Hume, o que é uma e a mesma pessoa) ficava gerente. O mesmo Daupias pagou o sello da escriptura, e a assembléa geral, na clausula citada, approvou que se pagasse a Daupias esta despeza, bem como todas as que tivessem sido feitas para a constituição da Companhia e necessarias para esse fim, (alinea *h*, do artigo 24.º dos estatutos) onde naturalmente devia entrar o beneficio e compensação dada a Daupias pelos seus serviços para a obtenção da concessão, sacrificios de credito do seu nome á frente d'uma empreza africana a organisar.

N'estas condições não podemos imaginar o que seja o contracto Hume Cloetta.

(Continua.)

Os documentos a que se vão referindo os considerandos, irão no fim.

A BATALHA DO BUSSACO

No dia 27 do corrente é o 85.º anniversario da memoravel batalha do Bussaco, em que o exercito portuguez se cobriu de gloria. O salteador de todos os povos, Napoleão Bonaparte, viu annulladas duas tentativas para se apoderar de Portugal. Junot e Soult tinham sido, com os seus exercitos, expulsos do nosso paiz; e por isso Napoleão resolveu invadir Portugal com um terceiro exercito, muito mais poderoso do que os antecedentes. E entregou o commando d'esse exercito ao marechal Massena, ao qual chamavam o *Anjo da Victoria*, e em quem elle muito confiava. Como subordinados vinham Ney, Regnier, Junot, e outros generaes.

Estava convencido Napoleão de que este seu exercito era invencivel, mas enganou-se mais uma vez. A entrada do exercito francez em o nosso paiz parecia augurar-lhe uma boa fortuna.

O desastre da praça de Almeida obrigou o exercito anglo-luso a retirar-se; pelo que avançou para o interior do reino o exercito francez. Massena tentou atravessar a grande serra do Bussaco; mas os bravos soldados portuguezes, apezar de pouco tempo antes haverem saido da recruta, sustentaram o seu posto na mesma serra, com uma valentia admiravel; e o marechal francez viu os seus planos em parte inutilisados. Tratou então Massena de flanquear por outra serra o exercito anglo-luso, suppondo que com essa manobra cortava a retirada aos alliados.

O marechal Wellington, commandante em chefe dos exercitos combinados, sabendo do novo plano de Massena, inutilisa-lh'o, retirando rapidamente sobre Coimbra. E seguindo d'aqui na direcção de Lisboa, guarnece as famosas linhas de Torres Vedras.

Por duas vezes se enganou Massena n'esta invasão. A primeira foi em não suppôr que o exercito anglo-luso estivesse organisado de modo que lhe podesse resistir; mas a derrota que soffreu no Bussaco lhe deu um formal desengano. O segundo engano de Messena, e esse estava muito abaixo da sua pericia, foi elle invadir Portugal, ignorando completamente a existencia das formidaveis linhas de Torres Vedras.

Quando Massena, depois de entrar em Coimbra no dia 1 de outubro, seguiu rapidamente o exercito anglo-luso, julgou que a par de Wellington, entrava elle em Lisboa, soffrendo um desastre total o exercito alliado. O desbarate que tivera o general inglez Moore, na Corunha, no anno antecedente de 1809, fazia julgar Massena que a mesma sorte teriam os exercitos alliados em Portugal, no fim do anno de 1810. Illudiu-se de todo. O exercito francez teve de parar em frente das linhas de Torres Vedras; sem ao menos poder Massena conseguir o fazer atravessar uma sua divisão para o Alemtejo, a fim de se pôr em communicação com o exercito francez da Andaluzia.

Debalde mandou Napoleão de reforço a Massena um novo corpo de exercito, commandado pelo general Drouet; pois que o grande exercito francez se ia dissolvendo por falta de viveres e munições, e por ver a impossibilidade de se apoderar das celebres linhas de Torres Vedras. No principio de março de 1811 começou o exercito francez a sua retirada para a Hespanha pelo centro da Beira. Aquelles vandallos incendiaram e destruiram tudo na sua marcha. Não obstante a expulsão do exercito francez de Portugal, muito teve que luctar em Hespanha e na França o bravo exercito portuguez. Na tomada de Badajoz, na batalha de Albuera, na batalha dos Arapiles, na admiravel retirada de Burgos, na batalha de Victoria, nos ataques dos Pyreneus, até terminar com a famosa batalha de Tolosa em França, deu o exercito portuguez provas da sua bravura e heroismo. A batalha do Bussaco foi na terceira invasão franceza o começo da grande lucta, que só terminou com a aniquilação do exercito inimigo no seu proprio paiz.

*

Emquanto a nação portugueza soffria tres invasões francezas, em 1807, em 1809 e 1810; emquanto os povos soffriam todas as barbaridades dos invasores, e praticavam actos admiraveis de bravura para expulsar do paiz o inimigo; o cobarde e anti-patriotico principe regente, tendo abandonado Portugal, achava-se a gosar todas as delicias no Rio de Janeiro, qual outro Sardanapalo. Junto ao principe regente D. João e dos seus despreziveis camarilheiros, estava a famigerada Carlota Joaquina a tramar a *união iberica*, de combinação com alguns agentes nas côrtes de Cadix, para que na constituição de 1812 lhe fosse assegurado o direito ao throno de Hespanha, visto estar prisioneiro em França, seu *bom* irmão, o miseravel e cruel Fernando VII, de nefanda memoria, sendo ambos os dois irmãos, filhos da prostituida rainha de Hespanha Maria Luiza, torpe amante de Godoy, o infame principe da Paz.

Que gente esta!

*

Ao menos honra seja feita ao bravo exercito portuguez, que se immortalisou no Bussaco em 27 de setembro de 1810, e nas batalhas que se seguiram, até terminar a lucta em França no mez de abril de 1814. Tambem merece muitos louvores o sr. general Cascaes, a quem se deve o erigir-se no Bussaco o obelisco commemorativo da brilhante victoria do nosso exercito; assim como ao mesmo honrado general se deve a festa que todos os annos se faz no local da batalha. Ainda ha quem se não esqueça d'estes feitos heroicos, que muito immortalisaram a nação portugueza.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CONDE DE VALENÇAS

O nosso prezado amigo e patricio o sr. conde de Valenças, benemerito presidente honorario da Associação dos Artistas, na ultima vez que esteve em Coimbra prometteu ao nosso estimavel amigo o sr. João Antonio da Cunha, digno presidente da mesma Associação o dar em beneficio d'ella a quantia de 100$000 réis. Em cumprimento d'essa, promessa enviou agora o sr. conde de Valenças uma letra de cambio da referida importancia.

Na sua carta ao sr. João Antonio da Cunha faz votos o sr. conde de Valenças pelas prosperidades da Associação, de que se honra de ser presidente honorario. São muito grandes os actos de generosidade praticados pelo nosso respeitavel patricio a instituições d'esta cidade, sendo uma das que mais beneficios lhe devem a Associação dos Artistas, no que o nosso amigo e patricio segue as louvaveis tradições de seu bom pae, o sr. visconde de Monte-São, o qual na qualidade de presidente da camara municipal do biennio de 1866 a 1867 prestou á Associação dos Artistas serviços relevantissimos. Entre esses serviços não se pode deixar de especialisar a cedencia á Associação dos Artistas da grande casa, onde ella ainda hoje faz as suas reuniões, e a inscripção no orçamento annual da camara da quantia de réis 150$000 para auxilio das suas aulas.

Não se deve esquecer a extraordinaria honra prestada á Associação dos Artistas pela camara, de que era presidente o sr. visconde de Monte-São, indo officialmente encorporada, levando á frente a bandeira munipal, assistir á grande festa da mesma Associação no dia 29 de outubro de 1866.

N'essa festa, um dos oradores que a abrilhantaram foi o sr. visconde de Monte-São, que n'aquella época era sextanista de Direito. Já se vê que a protecção á Associação dos Artistas é tradicional na familia Jardim.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A PAZ NO RIO GRANDE—UM ARTIGO DO «TEMPS»

O ultimo numero do *Temps* occupa se em artigo principal, do restabelecimento da paz no Brazil. Pergunta o grande jornal parisiense se o tratado pelo qual o presidente Moraes, affrontando as ameaças furiosas dos jacobinos, pôz termo á guerra civil no Rio Grande do Sul, encerrará afinal a era revolucionaria que custou ao Brazil tanto sangue e tanto ouro? Observa que ha algumas probabilidades em sentido favoravel, porque o Rio Grande tranquillo é o Brazil em paz. E accrescenta o *Temps*, que esse Estado do Sul foi sempre, com effeito, o *enfant terrible* do imperio e depois da republica brazileira.

Os seus habitantes, que se approximam muito mais do *gaucho* cavalleiro e batalhador dos pampas do Prata, que do pacifico paulista, do apatico fluminense e do placido bahiano, por quem elles professam até um certo desdem, deram que fazer aos governos do Centro. Já haviam custado ao imperio uma guerra de 10 annos, que só acabou por uma transacção. Depois da proclamação da republica, foi n'esse meio turbulento que nasceram: a revolução que derribou o marechal Fonseca, depois a empreza temeraria do almirante Vandelkolk, e emfim a revolta da esquadra, que esteve prestes a destruir o novo regimen, e poderia offerecer a um pretendente audacioso um «momento psychologico».

Vencedores e vencidos tinham desapparecido: uns, no exilio, como o almirante Mello; outros, na morte, como o marechal Peixoto e o seu adversario o almirante Saldanha da Gama. Só os combatentes do Rio Grande permaneciam no seu posto. O obstinado Silveira Martins, a cabeça da revolução, e o general septuagenario Tavares, que era o braço d'ella, continuavam a batalhar contra o presidente do Estado, dr. Castilhos e contra a Constituição imposta ao Rio Grande. E quem sabe até quando duraria esta guerra implacavel, em que esses irmãos inimigos se matariam sem quartel, se o governo da União, cansado de sustentar o dr. Castilhos, se não decidisse a tratar com os revolucionarios e a offerecer-lhes garantias contra os adversarios, se elles consentissem em depôr as armas? Portanto, a paz está feita; offerecida pelo governo federal, acceita pelos revolucionarios com condições rasoaveis e honrosas, emfim imposta aos castilhistas impotentes para fazer prevalecer a sua politica de intransigencia e d'exterminio. Mas acabou definitivamente tudo? Os insurrectos emigrados vão regressar aos seus lares, sob egide protectora, com a garantia dos direitos e das liberdades consagradas pela Constituição geral.

Mas, ao mesmo tempo, vão encontrar-se em frente dos seus adversarios, sempre senhores do poder, que a custo entregaram as armas e que dispõem contra elles d'outra arma: a constituição do Rio Grande. Essa constituição concentrando todos os poderes nas mãos do governador e conferindo-lhe o direito de escolher o seu successor é a genação dos principios liberaes sobre a separação dos poderes proclamados pela constituição federal. Ella exige que as constituições particulares dos Estados sejam fundadas sobre as mesmas bases essenciaes da União.

O general Galvão de Queiroz, chefe das forças federaes, que assignou a paz com o general insurrecto Tavares, prometteu chamar a attenção do Congresso nacional para este antagonismo das duas constituições, que fica sendo um perigo para o futuro. O governo central mostra-se, pois, sinceramente disposto a fazer prevalecer, contra os castilhistas autoritarios, os principios liberaes da constituição da União e a fazer respeitar as garantias promettidas em seu nome aos cidadãos do Rio Grande pacificado.

«Vê-se, portanto, conclue o *Temps*, que se foi precisa a circumspecção e a energia do governo do sr. Prudente de Moraes para fazer a paz, não lhe será precisa menos para a manter. A questão da organisação constitucional do Rio Grande fica inteiramente a resolver e com ella o problema de tornar admissivel a verdade liberal aos adversarios d'hontem ainda aquecidos de paixões mal extinctas.»

A ORIGEM DO COMMERCIO DO VINHO COM A INGLATERRA

O primeiro vinho que do norte de Portugal, foi exportado para a Inglaterra sahiu pela barra de Vianna de Castello e foi produzido nas immediações de Monsão. Por documentos archivados nos escriptorios de algumas casas inglezas d'esta praça, deduz-se que, no começo do seculo 17.º, alguns homens inglezes, na qualidade de contra-mestres de navios mercantes, costumavam visitar os rios Lima e Minho para alli venderem manufacturas inglezas e que algumas vezes acceitavam vinhos d'essas procedencias em pagamento, assim como outros productos. N'esses tempos, os vinhos que se exportavam do Lima eram conhecidos em Londres como *Red Portugal Wines* e só foi no fim do mesmo seculo que se iniciou o embarque do afamado *Port-Wine* pela barra do Porto. Como alguns dos contra-mestres inglezes entendessem ser-lhes lucrativo este ramo do commercio, quedaram elles em Vianna e alguns em Monsão, como feitores ou agentes entre os vendedores nacionaes e os compradores inglezes e foi da palavra feitor que se cunhou o termo «vinhos da feitoria», porque os ditos feitores estabeleceram uma zona vinicola, que atracava de Vianna do Castello aos Arcos, e d'esta villa a Melgaço, Monsão, Caminha e pelo littoral a Vianna. De fórma que a dita zona apresentava um oblongo pouco mais ou menos. Os vinhos da Ribadavia, na Galliza, eram já conhecidos na Inglaterra e quer-me parecer que eram incluidos na feitoria ingleza, dita de Monsão. Os vinhos da Ribadavia e das immediações de Vianna eram menos fortes do que os de Monsão, que se assemilhavam aos da Borgonha, e, segundo a tradicção, as videiras tinham sido levadas para lá de Guimarães, em cujos arredores o conde D. Henrique as tinha introduzido do seu paiz natal, a Borgonha. Se não podermos agora basear esta tradicção nas paginas da historia contemporanea, pertence-lhe ao menos o merito da boa logica. As embarcações que aportavam ao norte de Portugal vinham algumas vezes da costa occidental da Africa, conduzindo carregamentos mui curiosos para o estudante da historia hodierna. Estes lenhos traziam no porão oleo de palmeira, fructas, negros, marfim, cortiça, etc., e o saldo de pannos crús que não tinham podido vender na Africa. Em data de 1702, encontro no testamento de um negociante inglez, que nasceu na rua dos Inglezes, um legado de escravos a seus filhos, recommendando a esses que os tratassem bem e que depois de já não poderem mais trabalhar lhes dessem uma mezada para seu sustento. Estes escravos tinham sido o preço de algumas pipas de vinho. O primeiro consul inglez no Porto foi Walter Maynard, enviado por Oliver Cromwell, presidente da republica ingleza em 1659; mas antes d'esta data tinha havido um consul inglez em Vianna do Castello, o que prova que os inglezes tinham mais interesses nas margens do Lima do que no Porto. Foi, porem, devido ao seguinte facto historico que os inglezes vieram a beber os vinhos de Portugal.

Por alvará do rei Eduardo III da Inglaterra, em 1371, foi permittido aos pescadores portuguezes estabelecerem-se na costa occidental de Inglaterra para alli se entregarem á pesca do bacalhau. Estes denodados filhos de Aveiro, cujos antecessores já tinham avassallado as frigidas aguas da Terra Nova, foram bem succedidos nas suas emprezas piscatorias, mas como o clima d'Albion não lhes offerecia uma atmosphera tão bonançosa como no littoral patrio, lembravam-se de levar nas suas embarcoções algumas botas ou pelles de vinho portuguez para suavisar a falta de confortos que se lhes apresentava nos rigorosissimos invernos que flagellam os mares da Inglaterra. Não tardaram os inglezes de satisfazer a curiosidade de qual seria o conteudo das barrigudas pelles que os pescadores portuguezes levavam por debaixo dos bancos. O nectar que lhes saudou a garganta e que lhes aqueceu o sangue foi tão apreciado que em vez de se satistazer a curiosidade muito

---

193

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 3.ª PARTE

DESENLACE

XV

NA ESTRADA

De volta do cemiterio, a carruagem parou diante da casa do antigo capitão do *Poderoso*. André subiu a escada com ar pensativo. Quando chegou ao gabinete, Magdalena, Alexandrina, Paulo e o barão escutavam o inspector Mathias, que lhes contava em tom alegre alguns dos episodios da sua vida.

— Ora, graças a Deus! disse Magdalena, já cuidavamos que não regressava em todo o dia.

— Peço desculpa, minha senhora; mas tive alguns deveres a cumprir, e para isso atrevi-me a pedir ao barão a sua carruagem. Fui ver os paes de Julião.

— Como estão elles?

— Não podendo resistir á magoa que lhes causou a morte de seu filho, resolveram partir para uma aldeia de Alcarria.

— Para viverem alli?

— Para alli vegetarem; a capital incommoda-os.

— Têem rasão: o golpe que soffreram é muito fundo, disse Magdalena fitando em Paulo um olhar intenso e amoroso.

— Causaram-me bastante dó; entretanto, supponho que não lhes foi completamente inutil a minha visita.

— Nunca é inutil a visita d'um amigo.

— Ausentando-se para sempre da capital, deixando todas as illusões na sepultura de seu filho, pediram-me que me encarregasse de velar as cinzas do seu Julião.

— Pobres paes! disse Magdalena.

— Infelizes! accrescentou o barão.

— Tambem vi Anna.

— Soror Martyrio?

— Sim, minha senhora, essa mulher exemplar que pelo arrependimento e piedade sabe purificar-se das suas faltas anteriores.

— Onde estava?

— No cemiterio, orando pela alma de Julião.

E dizendo isto, André soltou um suspiro. Magdalena, conhecendo a impressão que a lembrança de Anna produzia na animo do artista, fez variar a conversação. André chamou Anselmo, e sahiram ambos do gabinete.

— Sr. barão, disse André, vou fazer-lhe um pedido.

— Póde dispor de mim com inteira confiança.

— Um negocio urgentissimo, de que lhe fallarei á volta, obriga-me a sahir da côrte não sei se por muito ou pouco tempo.

— E estava tão calado!

— Ignorava que me veria obrigado a partir. Desde o meu regresso de Italia, Alexandrina está acostumada á minha companhia, que lhe seria muito sensivel saber que me ausento.

— E é negocio de interesse?

— Muito.

— Bem; occultarei quanto poder a sua partida.

— Não: o melhor é simular que me envia a uma commissão de importancia, para que ella não estranhe a minha demora.

— Se assim o deseja, não tenho inconveniente.

— Mas a viagem ha de ser tão rapida, que necessito de uma carruagem de jornada.

— A minha está ao seu dispor. Demais a mais, os cavallos estão em descanço ha muitos dias, e é-lhes conveniente sahir. Quando parte?

— Agora mesmo: logo que esteja preparada a carruagem.

— N'esse caso, não serei eu quem o demore; mas agradecer-lhe-hia muito se quizesse dizer-me se a sua existencia corre algum perigo; porque então...

— Nenhum, senhor barão.

— Dá-me a sua palavra?

— Dou; e devo advertir-lhe que a viagem não será longa.

— Isso pouco importa. Queira dar o meu nome em todas as estalagens e estações onde chegar, que isto só bastará para porem á sua disposição os cavallos de que necessitar.

—Muito agradecido, senhor barão.

— O favor não merece agradecimentos.

E nos labios do barão desenhou-se um sorriso bondoso. Em seguida chamou Beltrão.

— Dize a Genaro que metta a carruagem as quatro egoas alazans; e tu põe as armas e objectos necessarios para o senhor André fazer uma viagem.

— E' urgente?

— Sem demora alguma.

O mordomo inclinou-se, e sahiu para dar cumprimento exacto á ordem de seu amo.

— Peço-lhe que faça as minhas despedidas a D. Magdalena, disse André.

— E Paulo?

— A esse desejava eu fallar.

O barão chamou de novo o criado.

— Dize a meu filho que venha cá.

Paulo appareceu pouco depois.

— Aqui me tem, meu pae, disse elle.

— André quer fallar-te.

— Quero dar-te um abraço, porque me ausento de Madrid por alguns dias.

Os dois artistas abraçaram-se como irmãos.

—Mas aonde vaes? perguntou Paulo. Desde que chegaste de Italia não descanças, e á fé que, se Moran nao estivesse ferido, John Strey preso, Rodolfo occulto, segundo crês, não te deixaria sahir, com receio de que levasses a cabo algum novo projecto de vingança.

— Não, querido Paulo: a causa da minha partida repentina é uma commissão que recebi dos paes de Julião.

— Ah! isso é outra cousa.

A conversação prolongou-se meia hora mais, ouvindo-se então uma pesada carruagem parar á porta.

André apertou as mãos do barão, e abraçou Paulo, dizendo lhe:

— Antes de partir tenho de fazer uma incumbencia ao inspector Mathias. Quero fallar-lhe com referencia a John Strey.

— Vou chamal-o, disse Paulo.

Mathias pegou no chapéu e despediu-se affavelmente de Magdalena. Pouco depois, André e o inspector de policia entravam na sege de jornada.

— Estrada de França, ordenou André ao cocheiro.

— Levamos muita pressa?

— Alguma.

— Então, sem mudar de cavallos, chegaremos á terceira estação antes da noite.

Nas bolsas da carruagem encontrou André algumas carnes frias, garrafas de vinho, uma pequena botica, para o caso de sobrevir alguma desgraça, e duas boas pistolas. O barão era precavido até ao extremo. A carruagem seguiu pela estrada de França em carreira vertiginosa, chegando á terceira estação já de noite.

— Está aqui o sr. Rodolfo Hervan? perguntou André ao estalajadeiro, que veiu logo receber os hospedes.

— Sim, senhor.

— E qual é o seu estado?

— Não está peior: o medico diz que se curará depressa da perna; mas tem umas dôres no peito e uma tosse que não me agradam muito.

— Queira preparar um quarto para mim e para este meu amigo.

O estalajadeiro tomou uma lanterna e conduziu os hospedes através de uma longa galeria, em cujas paredes se viam algumas portas, e sobre cada uma d'estas um numero.

— Vão ficar alojados, disse o estalajadeiro, no quarto immediato ao do sr. Rodolfo.

André e Mathias consultaram-se com o olhar. O estalajadeiro abriu uma porta, e mostrou-lhes o quarto, no qual havia duas camas e uma meza; deixou a lanterna e foi buscar um candieiro.

— Os senhores querem tomar alguma coisa?

— E'-me indifferente, respondeu André.

—A mim tambem, volveu Mathias, esta noite não tenho appetite; mas emfim, por não estar acostumado a deitar-me sem comer alguma coisa, póde arranjar-me um par de perdizes, um bocadito de carneiro, e outra coisa qualquer.

André ficou pasmado, porque até então não tivera occasião de conhecer os instinctos gastronomicos do inspector de policia. N'aquella noite Rodolfo estava só. Thomaz tinha sahido para Madrid, e só devia voltar no dia seguinte. André, que não sabia isto, procurava um meio para fallar a sós com Rodolfo. Mathias pensava na demora do estalajadeiro que não trazia a ceia tão depressa como o seu estomago exigia. Não sabendo de que fallar, apezar do muito que queriam dizer um e outro, André sentou-se n'uma cadeira junto da meza, e Mathias em um tamborete de madeira. Em quanto um pensava e soffria, o outro bocejava. Assim decorreu mais de uma hora. Por fim ouviu-se ruido de passos e tinir de pratos. Mathias levantou-se immediatamente.

— Já me ia parecendo que em toda a noite não acabavam de assar-se as taes perdizes. E realmente sinto-me agora disposto a devoral-as.

André guardou silencio, e começou a passear ao longo da casa. Mathias poz-se a comer soffregamente.

Entretanto, André dispoz-se a explorar o estalajadeiro.

— Quando poderá o sr. Rodolfo levantar-se da cama?

— Isso está ainda para demora. O pobre homem está muito doente; e se não fôra o medico, já teria morrido, como tambem já teria perdido a alma se o senhor cura não o estimulasse á resignação e á piedade.

— Bom caso fará Rodolfo d'essas coisas!

— D'antes não; mas agora... o senhor não sabe o que é o sr. cura. O doente não adormece noite nenhuma sem lêr algum trecho da Biblia e rezar as suas orações. Hoje, fallando eu com elle, porque está só, disse que queria comprar-me, para o levar comsigo, um velho crucifixo que ha no seu quarto.

— Oh! é impossivel! disse André,

— Não acredita? O sr. Rodolfo é muito religioso.

André estava admirado.

— E diz-me que elle está só?

— Sim, senhor, está só, porque o lacaio d'elle partiu hoje mesmo.

— A que hora o visita o senhor cura? perguntou André, depois de reflectir.

— Ao anoitecer; e hoje asseguro-lhe que não deixou de apanhar um bom aguaceiro no caminho.

— E o medico?

— O medico vem todos os dias n'um cavallo que lhe empresta o doente.

— Quem fica esta noite velando á sua cabeceira?

— Ficaria eu se podesse; mas como os tempos estão maus, e na estalagem somos poucos para attender a todos, tem cada um de dormir de noite para estar diligente durante o dia; por isso não poderei ficar.

— Pois bem: faremos uma cousa. Eu não tenho somno, conheço o sr. Rodolfo, e além d'isso gosto muito de assistir aos doentes; portanto, se quer, ficarei hoje assistindo-lhe.

— Estimarei bastante.

— Pois ficamos de accordo.

— São onze horas da noite, e se o senhor quer, é já tempo de entrar no quarto do doente.

— Pois vamos.

— Então não come nada, amigo André? perguntou Mathias, que no momento de dizer isto tinha devorado o ultimo bocado.

— Não; durma tranquillamente, que amanhã fallaremos.

E encaminhou-se com o estalajadeiro para o quarto de Rodolfo.

(Continua.)

mais foi accentuada esta qualidade que nas mulheres é vicio, mas que nos homens, diga-se a verdade, por não ser da sua natureza mas antes de summa necessidade, afigura-se como mãe do commercio. Foi por conseguinte nas costas de Devonshire e Cornwal que o vinho tinto de Portugal primeiro se fez comprehender na cathegoria de liquidos alcoolicos e immediatamente se collocou na vanguarda das libações dos devotos inglezes de Baccho. Voluntariamente e de muito bom grado se confessaram privilegiados em serem vassallos do rei dos vinhos. Foi este sem duvida o começo do negocio de vinho entre Portugal e Inglaterra. O primeiro inglez a visitar o Douro foi Pedro Bearsley, filho do fundador da casa que ainda existe n'esta praça, Taylor, Fladgate e Yeatmam. E' provavel que já se tivesse feito algum negocio em vinho do Douro e que devido a isto é que o sr. Bearslex emprehendeu a viagem como representante da feitoria ingleza em Monsão. E' do dominio da historia vinicola de Portugal que o sr. Nicolau Kopke, antecessor do recemfallecido Barão de Massarellos estabeleceu-se na Reboleira com casa de commercio em 1638, mas este cavalheiro era de origem allemã. Muito cedo principiou elle a negociar em todos os principaes productos de Portugal, entre elles o vinho, e no decorrer de annos foi a casa de Kopke a principal em receber vinhos do Douro para os vender na praça do Porto. Mas como este artigo já vae demasiado longo deixarei para outra occasião tratar de outros assumptos que se prendem com a iniciação do commercio de vinhos, o principal ramo da industria portugueza.—*Charles Sellers*.

COLLEGIO DE S. BENTO

268, Rua de S. Lazaro, 278—Porto

Este estabelecimento, inaugurado em outubro de 1893, habilitou até esta data os alumnos constantes da seguinte relação, obtendo todos excellentes classificações nos seus exames:

Instrucção primaria elementar. — Carlos Rodrigues Gonçalves, Eugenio Vieira Pinheiro, Francisco Cardoso Teixeira, José Maria Ferreira, Manuel Rodrigues da Cruz Junior, Augusto Alves Moreira, Antonio de Sousa Carvalho Junior, Alberto Gonçalves da Cunha, José Valente Perfeito, David Guedes de Carvalho, Francisco Esteves de Carvalho, José Joaquim Pereira, Julio Ribeiro de Castro, Manuel Martinho de Bolonha, Guilherme Barbosa Rodrigues, João Gomes Ferreira, José Maria, Thomaz Vieira da Conceição, Julio Diniz, Raul Bernardes Laranjeira, Antonio Duarte Ferreira, Antonio Anselmo de Carvalho, Diogo de Gouveia Sarmento, Adriano Gonçalves de Faria, D. Izabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta, D. Thereza Maria d'Alvarim Pimenta, Manuel Rodrigues da Costa, Seraphim Pedroso Barreto, Rogerio Augusto Pinto, Mauricio Augusto Pinto, João Fernandes Correia e Sá, João Ferreira Andrade, Alberto Pereira da Cruz, Manuel Francisco Veras, Adelino de Oliveira Pinto Furtado, Antonio Duarte Gonçalves, Joaquim Moreira da Cunha, Carlos da Fonseca Barbosa, Antonio da Rocha Esteves, Horacio d'Azevedo Pereira Alpoim, Joaquim Maria Pinto Ribeiro, João Martins d'Avelar, Carlos de Sousa Alcoforado, Joaquim Mendes de Carvalho, Fernandes Antonio Rebello, Arnaldo Carneiro, Francisco Maria de Castro, Antonio Carneiro Magalhães, João Bernardo Ferreira, Fernando de Moura Azuaga.

Admissão aos liceus.—Carlos Rodrigues Gonçalves, José Ferreira Rodrigues das Neves, Manuel Rodrigues da Cruz Junior, Augusto Alves Moreira, Francisco Esteves Xavier, Antonio de Sousa Carvalho Junior, Alberto Gonçalves da Cunha, Francisco Xavier Honorato, João Valente Perfeito, José Valente Perfeito, Arnaldo de Mello Braga, David Guedes de Carvalho, Abilio Augusto Ferreira de Sousa, José Francisco Coelho, Manuel Maria da Costa, D. Izabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta, D. Thereza Maria d'Alvarim Pimenta, Francisco Rodrigues de Macedo, Francisco Machado de Queiroz, Julio Ribeiro de Castro, Jayme Menezes da Silva, João Gomes Ferreira Athayde, José Maria, Arthur Duarte Azevedo, Francisco Maria de Carvalho, Antonio Duarte Ferreira, Alvaro Dias Guimarães, Julio Romeu Alarcão, Antonio Maria da Costa, Diogo de Gouveia Sarmento, José da Silva, Antonio Pereira de Queiroz Abranches, Antonio Ferreira do Casal, João Carlos Ribeiro Cutêllo, Manuel Antonio dos Santos Ribeiro, Alfredo Ferreira Godinho, Eduardo Alberto d'Araujo, João das Neves Manique, Rogerio Augusto Pinto, Joaquim José Coelho, João Ferreira, Adelino Pinto Furtado, Joaquim Ribeiro Fernandes, Carlos da Fonseca, Carlos da Fonseca Barbosa, Antonio da Rocha de Queiroz, Horacio Bernardes da Costa, João Martins Rodrigues dos Santos, Carlos de Sousa Provezende, Fernando de Moura Azuaga, Joaquim Mendes da Fonseca, Arthur Rozio da Motta Ribeiro, Antonio Pinto Torres Gonçalves, Amancio de Carvalho Fonseca, Clandino da Rocha Romariz, Francisco Manuel de Queiroz, Manuel Maria Rodrigues, Francisco Rodrigues de Macedo, Estanislau de Campos Vinagre, Francisco Maria Rodrigues, Antonio Victor Seavedra, Bernardo Loureiro Ferraz, Manuel Motta da Veiga, Antonio Gonçalves da Costa, José Antunes de Carvalho, Antonio Coelho Ribeiro, José Maria de Sousa Carvalho, D. Adelia Augusta da Silva Gouveia, Antonio de Lemos de Napoles, Joaquim d'Oliveira Moraes Junior, Arthur Rozio da Motta, Raul Casimiro Barbosa, Alvaro Pereira Barbosa, Manuel Francisco da Costa, Francisco Veloso Carminé, Antonio Esteves de Carvalho.

Desenho, 1.º anno. — Manuel Pereira Fernandes, José Ferreira das Neves, Manuel Rodrigues da Cruz Junior, Alberto Gonçalves da Cunha, João Valente Perfeito, Arnaldo de Mello Braga, Abilio Augusto Ferreira, José Francisco Coelho, Ayres Pinto de Mendonça, Adriano Ferreira Pinto Basto Martins, Carlos de Mendonça Pimentel e Mello, Alberto Antonio d'Oliveira, Accacio Teixeira da Costa, Arthur Duarte da Silva Azevedo, Arthur Lopes Agréllos, Diogo de Gouveia Sarmento, D. Izabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta, Antonio Pereira de Queiroz Abranches, Elysio Augusto Alves, João Carlos Ribeiro, Francisco Manuel de Castro, Antonio Francisco Garcia Marques, Manuel Francisco da Costa, Carlos Rodrigues Gonçalves, Joaquim Pereira da Silva, Raul Montes da Silva Doria, Americo Lopes da Silva, Manuel Rodrigues da Cruz, Augusto Alves Moreira, Americo Augusto d'Azevedo, Victor Zeferino Ribeiro, Joaquim Loureiro da Fonseca, Antonio Augusto Fernandes, Francisco Maria de Carvalho, Eduardo Alves dos Reis, Raul da Costa Vianna, Manuel Marques Anchão, Joaquim Mendonça, Manuel Francisco da Costa, Antonio Duarte Ferreira, Antonio Ferreira do Cazal, José da Silva, João das Neves Manique, Julio Romeu Alarcão, João Gomes F. Athayde, Manuel Maria Rodrigues.

Desenho, 2.º anno. — Manuel Pereira Fernandes, Manuel Rodrigues da Cruz Junior, Alberto Gonçalves da Cunha, João Valente Perfeito, Arnaldo de Mello Braga, Ayres Pinto de Mendonça, Adriano Ferreira P. B. Martins, Carlos de Mendonça P. e Mello, Accacio Teixeira da Costa, Diogo de Gouveia Sarmento, Antonio Pereira Q. Abranches, Francisco Manuel de Castro, Antonio Francisco Garcia Marques, Carlos Rodrigues Gonçalves, Raul Montes da Silva Doria, Americo Augusto d'Azevedo, Americo Lopes da Silva, Antonio Augusto Fernandes, Francisco Maria de Carvalho, Eduardo Alves dos Reis, Manuel Marques Anchão, Joaquim Mendonça, Manuel Francisco da Costa, José da Silva, Antonio Duarte Ferreira, Manuel Maria d'Oliveira, José Francisco A. dos Santos, Manuel de Castro Cardoso, Arthur Gouveia de Lemos, Anselmo Faria d'Azevedo, Mario Fernandes Alçada, Gregorio Carvalhaes, Manuel Maria Rodrigues, Antonio E. Figueiredo, Jeremias Gonçalves da Costa, Antonio Xavier d'Oliveira.

Portuguez. — Carlos Rodrigues Gonçalves, Manuel Pereira Fernandes, José Ferreira das Neves, Manuel Rodrigues da Cruz Junior, Antonio de Sousa Carvalho Junior, Alberto Gonçalves da Cunha, João Valente Perfeito, Arnaldo de Mello Braga, Antonio Henrique da Silva, Alberto Paiva de Andrade, Adriano Ferreira P. Basto Martins, Jayme Menezes da Costa, Alcino d'Azevedo, Accacio Teixeira da Costa, Arthur Azevedo e Castro, Alvaro Dias Bragança, Diogo de Gouveia Sarmento, Annibal Castro e Macedo, José da Silva, Raul Doria, Henrique dos Santos Cardoso, Antonio Pereira de Queiroz Abranches, Manuel Rodrigues d'Oliveira Ferrão, João Carlos de Mello Palhares, Alvaro Fernandes Araujo, M. Izabel Rodrigues d'Alvarim Pimenta, João Fernandes Correia de Sá, Eduardo Braga, José Martins da Silva, Raul Emilio das Neves, Arthur de Castro Margarido, Francisco Manuel d'Almeida, Antonio Luiz Castro Carvalho, José Francisco Teixeira, Manuel Maria Saavedra, Luiz Maria Corte Real, Francisco Antonio Diniz, Americo Lopes da Silva, Americo Augusto d'Azevedo, José da Silva Coelho, Joaquim Ribeiro, Manuel de Castro Moreira, Raul Pinto da Costa, Eduardo Alves dos Reis, Antonio Manuel Pedroso, Benjamin Rodrigues de Carvalho, Manuel Casimiro Duarte, Francisco Maria Rodrigues, Eduardo Maria Pontes, Manuel d'Araujo e Almeida, Antonio José d'Almeida.

Francez. — Adriano Ferreira Pinto Basto Martins, Carlos Rodrigues Gonçalves, Diogo de Gouveia Sarmento, Manuel Maria Rodrigues, Joaquim Gonçalves dos Santos, Accacio da Costa Teixeira, João Fernandes Correia, João Ferreira, Carlos de Mendonça Pimentel e Mello, Arnaldo de Mello Braga, João Valente Perfeito, Raul da Silva Fernandes, Benjamin Rodrigues de Carvalho, Eduardo Alves dos Reis, Manuel Casimiro Duarte, Francisco Maria Rodrigues, Antonio José d'Almeida, Manuel d'Araujo e Almeida, Antonio Manuel Pedrosa, Eduardo Maria Pontes, Antonio Luiz da Costa Carvalho, Francisco Manuel d'Almeida, Luiz Maria Corte Real, Joaquim Ribeiro, Raul Pinto da Costa, Alvaro Fernandes Araujo, José Francisco Teixeira, Manuel Maria da Costa, Antonio Xavier Rodrigues, Antonio Teixeira de Queiroz, Arthur de Castro Margarido, Francisco Antonio Diniz, Raul Emilio das Neves, Antonio de Sousa Carvalho Junior, Raul Bernardes Laranjeira, Adriano Gonçalves de Faria, Seraphim Pedrosa Barreto, Thomaz Vieira da Conceição, Francisco Rodrigues de Macedo, Jayme A. Homero da Silva, Antonio Duarte Ferreira, Manuel Antonio dos Santos Ribeiro, Eduardo Alberto d'Araujo, Joaquim Ribeiro Fernandes, Carlos da Fonseca, Francisco Maria Rodrigues, Estanislau de Campos, Joaquim Mendes da Fonseca, Antonio Pinto Torres Gonçalves, Manuel da Costa Girão, Antonio Maria da Costa, Avelino de Freitas.

Geographia. — Carlos Rodrigues Gonçalves, Manuel Pereira da Costa, Antonio de Sousa Carvalho, Alberto Gonçalves da Cunha, João Valente Perfeito, Joaquim Mendonça, Americo Augusto d'Azevedo, Arnaldo de Mello Braga, Carlos de Mendonça Pimentel Mello, Manuel Maria Rodrigues, Carlos da Fonseca, Joaquim Ribeiro Fernandes, Antonio Esteves da Costa, Manuel Xavier da Conceição, Francisco Manuel d'Almeida, Gregorio Pinto Torres, Manuel Francisco da Costa, Estanislau de Campos, Antonio Maria da Costa, Raul Bernardes Laranjeira, Antonio de Sousa Carvalho Junior, Manuel da Conceição Pires, Francisco Maria de Pina, Antonio Xavier da Costa, Belmiro Maria de Senna.

Historia. — Manuel Francisco Coelho, Arnaldo de Mello Braga, Carlos de Mendonça P. e Mello, Manuel Maria Rodrigues, Estanislau de Campos, Francisco Maria de Castro, Carlos da Fonseca, Raul Bernardes Laranjeira, Antonio da Cunha Gonçalves, Theodosio Maria da Costa, Homero da Cruz, Antonio Esteves dos Santos, Rodrigo da Conceição, Manuel João da Fonseca, Benjamin da Conceição Pina, Francisco Rodrigues da Cruz, Eduardo Ferreira dos Santos Silva.

Inglez. — Arnaldo de Mello Braga, Francisco Manuel Affonso, Antonio Esteves dos Santos, Raul Bernardes Laranjeira, Francisco Maria de Carvalho, Belmiro Maria de Senna, Manuel da Conceição Pires, Americo Fernandes da Costa, José Gabriel Guerra, Antonio Xavier Perestrello, Bernardo Antonio da Costa, Francisco Rodrigues da Cruz, Homero da Cruz, Rodrigo da Conceição, Manuel João da Fonseca, Francisco Maria de Castro, Antonio de Gouveia de Lemos, Ayres Pinto de Mendonça,

Philosophia. — Eduardo Ferreira dos Santos Silva, Manuel Martins da Costa, Antonio Manuel Ferreira, Francisco Ferreira Mendes, José Turibio Gonçalves, Manuel Antonio da Costa, Antonio Manuel Ferreira, Thomaz d'Aquino Duarte, Francisco Antonio Belleza, Manuel José d'Almeida, Bento Maria Fernandes, José Esteves Xavier de Carvalho, José Augusto da Silva, Manuel Francisco Gomes.

Latim, 1.ª parte. — Eduardo Ferreira dos Santos Silva, Francisco Antonio Belleza, Francisco Ferreira Mendes, Anselmo Antonio Guimarães, Manuel Xavier Perestrello, Manuel Martins da Costa, Pedro de Sousa Veiga, Domingos d'Almeida Ribeiro, José da Costa Gomes, Thomaz d'Aquino Duarte.

Latim, 2.ª parte — Manuel Affonso Cardoso, José Maria Gonçalves, Thomé Pizarro Dias, José Francisco Nobre, Manuel Xavier Esteves, Bernardo Onofre Pinto, Fausto de Sousa Guedes.

Mathematica, 1.ª parte. — José Augusto Pinto da Silva, Manuel Maria Rodrigues, Carlos de Mendonça Pimentel e Mello, Arnaldo de Mello Braga, Eduardo Pinheiro Motta Coelho, Emilio d'Oliveira Sousa, José Maria Antunes, Servulo Saraiva Gomes, Antonio Lopes Agrellos, Saraphim José Gonçalves, Eduardo Ferreira dos Santos Silva, Carlos da Fonseca, Alfredo Magalhães, Adriano Vieira Coelho, Alberto d'Araujo, José Herculano de Moraes Soares, Antonio Francisco de Pinho, José Estanislau Soares, Manuel José Fernandes.

Mathematica, 2.ª parte. — José Augusto Pinto da Silva, José Maria Antunes, Antonio Pires Pereira, José Herculano, Manuel José Fernandes, Eduardo Menezes Gonçalves, Emilio d'Oliveira e Sousa, Januario Guimarães, Manuel Esteves Junior, José Francisco Gonçalves, Antonio Manuel da Costa, José Homem Cunha e Costa, Servulo Saraiva Gomes, Antonio Lopes Agrelles, Soraphim José Gonçalves.

Physica, 1.ª parte. — Eduardo Pinheiro Motta Coelho, Antonio Lopes Agrellos, Antonio Francisco de Pinho, Raul Emilio da Costa Souto, Alfredo Alberto de Magalhães, José Antonio Maia, Antonio Alfredo Campos, Carlos de M. P. e Mello, Arnaldo de Mello Braga, Antonio do Carmo Guedes, Francisco Manuel Affonso, Americo Fernandes da Costa, Francisco Manuel d'Almeida, Estevão José de Sousa, Manuel Antonio Gonçalves, Francisco Xavier de Carvalho, Benjamin Maria Rodrigues, Francisco Gonçalves Cortez.

Phisica, 2.ª parte. — Affonso Maria da Costa, José Antonio Maria, Manuel Antonio Gonçalves, Americo Fernandes da Costa, Francisco Mourão, Francisco Manuel d'Almeida, Manuel Xavier da Costa, Benjamin Maria Rodrigues, Samuel Teixeira Azevedo, Domingos d'Almeida Ribeiro, Estevão José de Sousa, Alfredo Alberto Magalhães, Francisco Gonçalves Cortez.

O Collegio de S. Bento está situado n'um dos logares mais hygienicos e aprazíveis da cidade do Porto. O edificio em que está installado é de molde a satisfazer por completo, sendo de notar que, por muitos annos, esteve n'elle installada a casa de saude do medico Ferreira.

Recebem-se alumnos internos, semi internos e externos. Ensinam-se todas as disciplinas do Curso Complementar dos Lyceus, sendo o ensino regulado segundo o plano da ultima reforma de instrucção secundaria.

Além das disciplinas que constituem o Curso Complementar dos Lyceus, ensina-se gymnastica, musica, dança, conversação franceza, e ingleza, bem como tudo o mais que exige a moderna educação.

O corpo docente é o mais escrupulosamente escolhido, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista litterario.

Envia-se o regulamento a quem o requisitar no escriptorio do estabelecimento ao

Director,
Bento José da Costa.

Porto, 15 de agosto de 1895.

CARTA DE VIZEU

9 de setembro de 1895.

N'esta cidade, patria de João de Barros e do Gran Vasco, do dr. João Victorino, de José d'Oliveira Berardo, de João Mendes, do padre Paulo Emilio, da nobre e liberal familia dos Mellos, de grandes artistas, como o fallecido Antonio José Pereira, de valentes voluntarios da rainha, como Lino Barboza, Antonio Luiz Dourado, Bernardo Pinto, das infelizes familias victimas do despotismo de D. Miguel, como é que os filhos e netos d'uns honrados e valentes militares, em cujo peito pendiam as medalhas de Torre e Espada e das campanhas da liberdade, consentem na liberal cidade de Vizeu a publicação d'um papelucho infame e indecente chamado *Revista Catholica*, papelucho que já foi asperamente reprehendido pelo benemerito bispo d'esta diocese? Como é que os filhos e netos d'esses martyres da liberdade consentem que tal luminaria se publique, e não tem horror que ella insulte, todos os sabbados, os nomes sempre queridos d'esses infelizes constitucionaes fuzilados em Vizeu, e cujas cinzas frias descançam no humilde sarcophago, que os habitantes de Vizeu, por subscripção entre si, mandaram erigir nos claustros da Sé, em 25 de agosto de 1836? Como consentem isso os liberaes de Vizeu? Estão mortos os vossos brios, filhos e netos dos Castros e dos Mellos, dos Barbosas, dos Daridas, dos Pintos, dos Assis Mouras, e de muitos outros? Onde está a coragem, a valentia dos vizienses? Vergonha eterna para vós, filhos e netos degenerados!!!

Olhae para o alto da Urtigueira, onde meia duzia de patuleias desarmaram um regimento e ainda ahi estão n'esse governo civil as armas dos poltrões. Quem sois vós hoje, vizienses? Nem a sombra dos que dormem o somno dos justos! Sabem andar em velocipedes, discutir a primasia d'uma pileca, e á noite ao Gremio tomar o chá com torradas.

Ah! bom Pedro de Sabugosa! bom Antonio Dourado! bom Bernardo Pinto! bons Daridas!

Agora ahi tendes a *Revista* e o sotaina Miguel a chamar pelo sr. D. Miguel. Levantae-lhe uma estatua, ao paspalhão da Cava e do Rocio; entoae-lhe hymnos de gloria.

Oh! vergonha eterna!

Um viziense.

CARTA DE ESPINHO

11 de setembro de 1895.

Inaugurou-se, ha dias, no lindo e aprazivel recreio *High-Life*, propriedade do meu honradissimo amigo, sr. João Baptista de Carvalho, a *kermesse* em beneficio da delegação dos bombeiros voluntarios, aqui installada. Viam-se n'ella prendas de subido valor, e a concorrencia foi regular, não obstante o mau tempo.

A proposito, e sem melindrar ninguem: não merecem duvida os bons serviços de corporações similhantes, sobretudo em terras populosas, mas a permanencia d'essa delegação em Espinho, e só no periodo balnear, é, senão de todo inutil, ao menos quasi prescindivel, attendendo á raridade de sinistros e ao soccorro facil em caso de necessidade. Que se promovam *kermesses*, espectaculos, *quêtes*, emfim, todos os meios de obter donativos para a creação d'uma escola gratuita e nocturna durante todo o anno, a fim de se illuminar o espirito rude dos nossos pescadores, para a fundação d'uma créche, onde as mulheres deixem os filhinhos, em quanto trabalham (a exemplo do que succede na Afurada, povoação tambem piscatoria), para subsidiar o hospital da Feira, ha pouco iniciado, e destinado á indigencia do concelho, a que esta praia pertence, para mitigar a fome e dôr que no inverno por ahi se exhibe, está plenamente d'accordo o bom senso; mas que tudo isso se effectue em prol d'uma iniciativa sem razão de existencia, é simplesmente uma questão de vaidade para figurar, ou coisa parecida. Na verdade, benemerencia d'este modo será tudo, menos benemerencia.

— A companhia do theatro do Gymnasio de Lisboa levou hontem á scena, no Alliança, em 2.ª récita de assignatura, a engraçadissima comedia original de Gervasio Lobato, o *Commissario de policia*, que, despertando franca hilaridade, colheu unanimes applausos. No terceiro acto deu-se um incidente, que podia produzir sérias consequencias. O actor Valle advertiu um collega de que explodia certo candeeiro no palco; d'ahi resultou medonha confusão. O panno desceu e dois actores vieram ao proscenio declarar que nada havia, conseguindo assim a tranquilidade geral; mas pouco depois, ouvindo-se grande rumor n'um camarote, os espectadores evacuaram precipitadamente a sala, sob a impressão de que o *incendio* se propalara. Serenados, porém, novamente os animos, o espectaculo terminou sem novidade.

A concorrencia foi enorme, não havia nem um logar devoluto, motivo talvez porque o emprezario da companhia, ensoberbecido, não facultou entrada gratuita aos correspondentes de jornaes e aos agentes da policia, indelicadeza sem exemplo n'este theatro e bastante verberada.

Por minha parte, ao soberbo emprezario... os meus agradecimentos.

— Tem agradado muito a musica dos internados da secção Barboza de Magalhães do Asylo-Escola districtal de Aveiro, que toca n'esta praia quatro vezes por semana.

Informam-me de que se demora aqui até ao fim da epoca balnear, subsidiada por uma commissão.

— Um grupo de senhoras ensaia actualmente as comedias *Condessa Helvira* e *Uns comem os figos...*, que serão representadas em beneficio da associação de soccorros mutuos. A' frente d'essa pleiade de nobres damas, está a benemerita e respeitabilissima senhora D. Maria Anna da Camara Portocarrero, a quem a associação de soccorros deve quasi a sua existencia.

— O tempo não está para recommendações, senão os pedidos chovem a granel; no emtanto, recommendo aos leitores a *Nova chapelaria espinhense*, largo de Nossa Senhora da Ajuda n.º 12, onde, mediante preços excessivamente modicos, está á venda um grande e variadissimo sortimento de chapéos e bonets proprios da estação corrente.

A. Dias.

NOTICIAS DIVERSAS

A mulher.—Ouçam o que diz Calderon de La Barca, a respeito das mulheres:

«A mulher é um quadro de duas faces. Vêl-a por um lado:—não ha coisa tão agradavel. Considerai-a por outro: não ha coisa tão terrivel! Ella é o melhor amigo do homem, e tambem o seu maior inimigo. E' a metade da nossa vida, ás vezes a metade da nossa morte: nenhum prazer e nenhuma dôr sem ella: ha razão para se estimar e razão para se temer. Sabio é quem se confia n'ella, e é sabio quem desconfia d'ella:—dá a paz e a guerra; a alegria e a tristeza; fere e cura; é triaga e venenosa, e por fim é como a lingua:—boa summamente quando é boa, peior do que tudo quando é má.»

Isto diz Calderon, porque nós... não dizemos nada.

O casar.—O objectivo das das jovens, na nossa actual sociedade, é encontrar, seja com que sacrificio, um marido. Ficar para tia considera-se como uma vergonha, quasi como uma deshonra e d'ahi que as donzellas se impacientam, receiosas de passar a mocidade, e acabam por se precipitar. Um marido e Deus dirá! Quer-se um marido, um homem e o mais não importa. Imbecil ou antipathico, muito novo ou excessivamente idoso, cheio de doenças ou avido de viver e de gosar, que tem isso! E' um homem e, portanto, um marido: o marido indispensavel. Digam a uma burguezinha que é melhor ficar solteira toda a vida que fazer um mau casamento. Encolhe os hombros com indifferença. Casar, eis o essencial.

Na Inglaterra, na America e tambem, ainda que não com tanta frequencia, na Allemanha, Roma e Hollanda, ha muitas solteiras por sua livre vontade. Não que se comprazam em viver sem as doçuras e os encantos do casamento, mas porque não tiveram a fortuna de encontrar um homem que lhes inspirasse verdadeiro amor. Preferiram viver só a andarem mal acompanhadas. Essas solteirinhas nem por isso são desgraçadas. Bastam-se a ellas proprias e consagram a sua actividade e os seus sentimentos a tornar simples, util e até agradavel a sua existencia. Em vez de ser, como é a *solteirona* na parte meridional da Europa alvo de ridiculo, inspiram respeito e consideração, porque preferem a independencia e a dignidade ao sacrificio em aras de tristes e funestas preoccupações.

Novas ideias sobre a lua.—As ideias que se faziam sobre a lua vão, ao que parece, transformar-se em breve de uma maneira radical. As ultimas photographias do nosso satelyte, feitas por meio de um grande equatorial e convenientemente ampliadas, permittiram distinguir novos caracteres nos accidentes da superficie lunar. Córtes profundos, soldaduras e crateras de fórmas polygonaes, fazem suppôr que as crateras e montanhas que dão tão curioso aspecto a lua, não são devidas a levantamentos vulcanicos, mas á formação de uma crusta sólida na superficie de um corpo que está ainda em estado mais ou menos fluido. A terra, quando se estava solidificando, devia apresentar um aspecto analogo ao que hoje offerece a lua, e se o perdeu, é porque a acção meteorologica da atmosphera, da chuva, da neve e a resaca das ondas nas costas, foram pouco a pouco metamorphoseando a superficie terrestre, e de certo modo nivelando e suavisando asperezas. Assim, a lua deixa de ser um corpo morto, como se dizia, para considerar-se um corpo em formação. E esta theoria baseia-se na photographia, que tanto tem feito pela sciencia astronomica.

Tratamento contra as doenças de differentes vasilhas de vinho, cheiro a môfo, pico acetico, etc.—Quasi sempre acontece ao vinho tornar se desagradavel á vista, ao cheiro, ao sabor, devido a qualquer fermentação que se lhe torna impropria. Tomamos por exemplo o sabor a azedo, cura-se do seguinte modo: para um casco de 700 litros, não tem mais que juntarem-lhe 3 litros de cal por 30 d'agua; batocarem muito bem o casco doente e braçarem-no pelo menos 2 ou 3 vezes por dia, no fim de 48 horas está capaz de receber vinho. Para o cheiro a môfo 5 de cal viva para 50 litros d'agua, praticando se a mesma operação como atraz se diz.

Despachos d'instrucção publica.—Effectuaram-se os seguintes:

Foi creada uma escola elementar, para o sexo masculino, da freguezia de Folhada, concelho de Marco de Canavezes, districto do Porto.

Antonio Pinto de Mello Novaes, professor temporario da escola elementar de Canellas, concelho de Penafiel —transferido, como requereu, para a de Folhada, concelho de Marco de Canavezes.

Maria Candida de Jesus, professora vitalicia da escola elementar de Sande, concelho de Lamego, licença de 30 dias, por motivo de doença.

PELO ESTRANGEIRO

Os duques de Aosta: um accidente.—Communicam de Roma que, perto de Altozzano, tomaram o freio nos dentes os cavallos da carruagem em que iam os duques de Aosta, fazendo cahir o duque, que ficou ferido, ainda que levemente. A princeza Helena, duqueza de Aosta e as outras pessoas que a acompanhavam, não soffreram mal algum, apezar da vertiginosa carreira dos cavallos que foram, ainda que a custo, detidos depois por alguns carabineiros. O estado do duque de Aosta é satisfactorio, pois as feridas que recebeu não offerecem gravidade alguma.

O attentado contra os Rothschild.—No interrogatorio a que foi de novo submettido o auctor do ultimo attentado contra os Rothschild, confessou o anarchista que realisára aquelle acto unicamente por odio contra as pessoas ricas.

Disse ainda: «Não sou antisemita, nem conheço o barão de Rothschild. Sou simplesmente anarchista de acção, pois duvido da efficacia da propaganda pela palavra e pela penna. Sou, porém, o que os anarchistas chamam um solitario, isto é, trabalho só pela causa commum. Comtudo, não sou sanguinario nem quero matar ninguem; o que queria unicamente era protestar contra o homem rico e feliz que ignora o que é trabalhar e não sabe o que custa a vida a quem trabalha».

Um correspondente diz que a policia, que trata de averiguar se o preso tem ou não cumplices, e para saber quem é, pois ainda não disse como se chama, mandou 500 retratos para a maior parte dos commissariados de policia existentes em França e Argelia.

Um escrivão que se não prende com o impudor senhoril.—Conta um jornal parisiense o seguinte caso, um pouco fresco, mas que não deixa de ser curioso:

Uma modista das mais afamadas viu-se obrigada a executar uma joven e formosa condessa estrangeira, que tem o seu domicilio n'um palacete do bairro de Mail, porque não havia maneira de lhe apanhar uma conta de bastante importancia. O escrivão encarregado do embargo fez varias tentativas para entrar no domicilio da condessa, mas todas foram baldadas. Até que se viu obrigado a pedir auxilio a Mr. Orsatti, commissario de policia do bairro. Os dois funccionarios foram recebidos na sala de espera por uma creada, que lhes declarou redondamente que sua ama os não recebia. Trava-se uma discussão e a condessa, vestida apenas com um penteador finissimo, entre-abriu uma porta e por ella metteu, para parlamentar, a sua gentil cabeça. O escrivão, homem brusco e mal educado, approveitou a occasião, empurrou a porta, entrou como um vendaval no quarto e principiou logo a embargar.

— Mas o que é que o senhor está a fazer—perguntou indignada a condessa.

— A embargar—respondeu com a maior fleugma o funccionario judicial.

— Pois eu faço-o já sahir d'aqui.

— Como?

— Assim.

E dizendo isto, a condessa desabotoou o penteador e ficou como Phriné na presença dos juizes gregos, e como Carolina Otero ante o juiz russo. O escrivão, porém, que não era grego, nem russo, nem juiz, continuou a embargar.

O lord mayor em Pariz.—No dia 6 do corrente chegou a Pariz o lord mayor de Londres, sendo esperado na estação do caminho de ferro por muitas pessoas. Da estação dirigiu-se o primeiro magistrado de Londres para o Grand Hotel, onde foi visitado por varios ministros francezes e os principaes personagens da colonia ingleza.

A insurreição de Cuba.—Diz uma folha de Madrid:

A dar-se crédito a uma correspondencia de Guantánamo, publicada no *Hérald*, o cabecilha Antonio Maceo o que trata agora é de arranjar dinheiro.

Cita-se o facto de ter sequestrado tres individuos de nacionalidade franceza, fazendo-lhes assignar cheques no valor de 130:000 pesetas; de ter exigido 26:000 pesos a outro francez, e accrescenta-se que o incendio da estação do caminho de ferro de Morón obedece ao facto de se ter negado a Companhia a entregar lhe uma somma por elle exigida. Crê-se por tudo isto, pois, que a campanha de Maceo se reduz quasi exclusivamente a arranjar dinheiro e a collocal-o em logar seguro, no estrangeiro, ante a perspectiva de que dentro em poucos mezes terminará a insurreição.

—As ultimas noticias do theatro da guerra, recebidas em Madrid, dizem que no dia 21 de agosto os insurrectos atacaram um destacamento de bombeiros de Havana, estabelecido na estação de Salamanca, jurisdicção de Remedios, rompendo fogo a coberto de umas barricadas que levantaram com uns carros. Pelo seu lado os bombeiros corresponderam fazendo fogo pelas seteiras d'um forte que está por concluir e pelas janellas. O commandante do destacamento, o tenente Giol, recebeu um tiro á queima-roupa, quando percorria os postos occupados pelos bombeiros. Os insurrectos, em numero de 50, tiveram que retirar. Voltando horas depois foram de novo postos em debandada. Ha noticias d'outras pequenas escaramuças, das quaes os rebeldes sahiram sempre vencidos.

A execução do inglez Stokes.—Noticía uma folha estrangeira que a familia do inglez Stokes, executado na África em seguida a um conselho de guerra composto de officiaes belgas, reclama uma forte indemnisação ao governo do Estado do Congo. Quem formúla a reclamação é um irmão de Stokes, Allan B. Stokes, engenheiro civil, que reside em Belfort, Irlanda. O governo inglez vai apresentar esta reclamação á administração do Estado do Congo em Bruxellas.

Inglezes e americanos; corridas nauticas.—Annunciou o telegrapho que o *yacht* americano *Defender* ganhára o premio *America* na corrida nautica em que tinha por competidor o *yacht* do lord inglez Dunraven *Valkyrie III.* A curiosidade excitada por esta corrida em New-York não podia ser maior. Numerosos barcos a vapor sahiram da metropole americana carregados de curiosos, cobrindo o mar de tal modo que eram um obstaculo á marcha dos dois campeões durante a primeira parte da corrida. O nautico certamen foi muito disputado. Durante a primeira parte, em que os dois navios navegavam contra o vento, o *Valkyrie* ia na frente. Imagine-se a alegria dos americanos, quando viram o seu campeão reconquistar o tempo perdido e passar adiante do *Valkyrie!* A chegada do *Defender* foi recebida com vivas formidaveis, soltados dos barcos cheios de espectadores. O enthusiasmo foi tal, que a reserva americana foi por alguns momentos posta de parte. Todos se abraçavam e beijavam. Algumas pessoas levantaram nos braços um cãosito amarello que o campeão americano levava a bordo como amuleto ou mascotte. O capitão do *Defender* esteve quasi suffocado pelos abraços que recebeu. A bordo do *yacht* inglez mostraram-se todos animosos na presença d'este enthusiasmo; notou-se apenas que a filha mais nova de lord Dunraven levava por vezes o lenço aos olhos. Entre New-York e Inglaterra expediram-se milhares de telegrammas por causa d'esta corrida nautica. Em Pariz, os inglezes e americanos não deixaram um só momento a redacção do *New-York Herald*. Todos estavam anciosos por saber a quem pertencera o premio *America*.

Os negros na America do norte.—No Estado de New York foi promulgada uma nova lei que obriga os donos de hoteis e restaurantes a servir os negros como brancos. No dia em que esta lei entrou em vigor, tres individuos, pretos como o ébano, entraram em um restaurante e pediram a lista. O servente fez-lhes comprehender por signaes que era surdo e tambem mudo. Os tres negros chamaram outro servente, mas este declarou com grandes tregeitos que estava atacado das mesmas molestias que o seu collega. O patrão e a caixeira tambem se fizeram mudos e surdos.

O nossos tres negros dirigiram-se então para outro restaurante.

—Meus senhores, disse o dono do estabelecimento com o mais amavel dos sorrisos, tenham a bondade de entrar para aqui, mandal-os-hei servir por detraz d'este biombo.

Os negros não quizeram acceitar e dirigiram-se a um terceiro restaurante, onde d'esta vez sempre conseguiram ser servidos. Mas, a uma ordem do patrão, a carne assada appareceu toda carbonisada, e os outros pratos salpicados de pimenta em tal quantidade que a lingua ficava verdadeiramente a arder. Indignados, os negros intentaram um processo contra os seus amphytriões. Só quem conhece os prejuizos dos philantropicos americanos contra os negros é que avalia e comprehende estas scenas usuaes em toda a America do norte.

O Niagara dominado.—Depois de alguns annos de tenaz e constante trabalho e de ter-se gasto mais de tres milhões de dollars (2.700:000$000), a intelligencia humana conseguiu aproveitar para fins práticos a enorme força das magnificas cataractas do Niagara, pondo em movimento um dynamo poderoso, que envia o fluido electrico sufficiente para o trabalho de uma grande fabrica que se consagra ao tratamento de aluminio. A corrente, que passa por cabos de arame de cobre, é alternada e deve transformar-se em directa antes de ser empregada sobre o aluminio. Vão ser collocados alli outros dynamos que desenvolverão 4:000 cavallos de força e cujas correntes serão empregadas tambem em usos industriaes.

A bicycleta no exercito.—A bicycleta já está sendo utilisada por alguns exercitos para a transmissão de ordens. Agora agita se a idéa em França de que sirva para organisar um verdadeiro corpo de exercito, ou antes esquadrões de soldados montados em bicycleta. Um official, o capitão Gérard, inventou para esse fim uma bicycleta, que póde servir de modelo para esta classe de cavallaria. A bicycleta apparelha-se e desapparelha-se rapidamente, e pela sua leveza póde ser facilmente transportada.

A idéa não deixa de ser apreciavel, mas não se sabe ainda que resultados poderá offerecer na prática.

Um divorcio ecclesiastico.—O jornal *The Mail* annuncia que o reverendo G. W. H. Hanford, vigario da egreja angelicana de Saint-Andreuw, em Cardiff, requereu separação de sua mulher a quem accusa de adulteria, commettido com o rev.º F. L. H. Jenkin, um dos celebrantes da sua egreja. Este caso, que vae ser julgado sem perda de tempo, causou uma enorme sensação porque a mulher de Hanford tinha um logar eminente nos circulos protestantes de Cardiff, onde o marido é vigario ha onze annos, occupando-se ella notavelmente de obras de caridade. O seu pertenso cumplice é casado e pae de familia.

Um magistrado draconiano.—O chefe de policia d'uma aldeia da Posnania acaba de mandar affixar o seguinte regulamento:

«A' noite immediatamente depois do trabalho, os operarios entrarão para suas casas e não sahirão da aldeia. A's dez horas toda a gente estará deitada. Perfeita tranquillidade deve reinar no trabalho e nas ruas. O ruido e os gritos não serão tolerados. As orgias, a musica e a dança são prohibidas; esta sera tolerada em casos especiaes.

Os operarios devem o mais absoluto respeito aos empreiteiros, á administração, aos empregados e seus delegados. Toda a infracção é punida com uma multa de quinze marcos o maximo, ou prisão.

Envenenado ao dizer missa.—Dizem de Schneidemuhl, Prussia oriental, que o rev. Wodda, cura de Friedheim, fallecera ao acabar de celebrar a missa, por causa do vinho que lhe fôra deitado no calix e que estava envenenado. O author d'este singular envenenamento presume-se que sejam individuo que roubára 800 marcos ao cofre da igreja, roubo que o envenenado descobrira.

Um patriarcha russo.—A *Região do mar d'Azof*, conta que a villa de Rostov-sur-Don é frequentemente visitada por um negociante de cereaes, que tem 124 annos. Este veneravel centenario é um cossaco chamado Aodei Aohikhow. Tem oito filhos e tres filhas vivas. Um nono filho, que era o mais velho, morreu ha tres annos com perto de 96 annos. Aodei Aohikhow casou duas vezes. Tem vinte e seis netos e bisnetos.

Varias noticias.—O riquissimo coronel North, denominado pelos inglezes e americanos o *rei dos nitratos*, teve ultimamente a phantasia de adquirir no littoral belga, perto de Ostende, uns 20 hectares de dunas pela quantia de 1.400:000$000, pagos em prestações annuaes. O contracto foi feito com o governo belga. No parlamento belga este contracto foi approvado, mas não faltou quem o criticasse, levantando a supposição de que North quer fundar em Ostende uma casa de jogo.

— Os japonezes ainda não estão senhores de toda a ilha Formosa, que, pelo ultimo tratado, lhes foi cedida pela China. Segundo um correspondente, parece que a conquista da ilha Formosa será mais difficil para os japonezes que a da China.

— Alguns jornaes americanos fallam de uma nova applicação do aluminio. Em lugar de se applicar a pedra lythographica, que é pesada, cara e pouco facil de mover, para a lythographia, as folhas de aluminio laminado serviriam para o mesmo fim, por possuirem a mesma porosidade que a pedra e as mesmas qualidades para absorver e fazer a impressão. Ha certamente n'isto alguma cousa que merece attrahir a attenção dos especialistas.

— O medico hespanhol D. Jaime Puig y Verdaguer, residente em Guayaquil, affirma ter encontrado um novo processo para combater a febre amarella. Esse processo, diz, deu-lhe quarenta e seis curas em o mesmo numero de enfermos a que assistiu. Consiste elle, sobretudo, em promover o vomito e o suor e evitar o envenenamento do sangue ou a inflammação a dos globulos.

— O marido de Adelina Patti, o tenor Nicolini, fez saber o todo o mundo, por intermedio do *Chicago Indicator*, o preço dos trajos que a celebre cantora exhibe no theatho. Vaidades que irritam as... pobresinhas. Na noite que cantou a *Traviata* no Colyseu de Chicago, a celebre diva vestiu um trajo que lhe custára o melhor de 200:000 libras esterlinas. Esse trajo era adornado com tres mil e sete centas pedras preciosas, algumas das quaes não pesavam menos de dezeseis quilates

SECÇÃO LITTERARIA

GLORIA E LOUVOR!

(Versos, recitados por o sr. A. P. de G. Osorio, n'um espectaculo em beneficio de um Asylo para a Infancia desvalida.)

(Reproducção)

Ainda mancebos, o exemplo dos Talmas,
nas horas dos ocios, quizemos seguir.
Votados ao estudo, tambem nossas almas
desejam ardentes a gloria fruir!

As aves começam seus vôos a medo.
Rastejam, rastejam, e pairam no ar...
—E nós, que trilhâmos o palco tão cedo,
a medo hoje ousamos o palco trilhar!—

As artes amamos, que as artes tem brilho,
que a todos anima; que a todos seduz!
Por isso das artes seguimos o trilho,
que, cheio de flôres, á gloria conduz.

E' duro esse trilho, coberto de flôres.
Tem duros espinhos, que prantos só dão!
—Mas só quem o pisa merece louvores
e alcança da gloria famoso brazão!—

Não póde o guerreiro cantar a victoria
sem ir ás pelejas a vida arriscar!
O artista não póde ganhar alta gloria,
sem duros espinhos primeiro calcar!

A patria exaltando, n'um canto sentido,
Camões tornou grande seu bom Portugal.
Sem tel-o cantado, morrera no olvido!
Não tinha seu nome tornado immortal!

Mas vós podeis todos, n'um simples lampejo
d'um meigo sorriso, dar força e valor
ao nosso sincero, mas nobre desejo,
que é nobre o seguirmos das artes o amor!

Louvor não pedimos; das glorias a palma
e cantos e flores, que ao genio se dão.
Sómente esperamos do intimo d'alma,
que ás pobres creanças dareis protecção.

Lembrai-vos, que é triste viver na pobreza.
Sem pão as creanças não sentem vigor!
—A ellas soccorro levae com presteza!
No céu tereis gloria! Na terra, louvor!

Rangel de Quadros.

CARTA DE GOES

11 DE SETEMBRO DE 1895.

Diz-se que este concelho, apezar de ser pobre, vae ficar, para os effeitos administrativos, em segunda ordem. E' possivel, porque o sr. ministro do reino, quando principiou a fazer a novissima e extraordinaria reforma administrativa, não teve em vista o bem-estar dos povos. Longe d'isso. A nosso vêr, o monstruoso parto—assim lhe chama a gente sensata—obedece unica e exclusivamente a um plano politico: serve para castigar os progressistas e favorecer os regeneradores. E' uma verdade incontestavel.

E como o administrador substituto d'aqui, o muito conhecido Francisco Ignacio Dias Nogueira, individualidade extremamente rancorosa e em todo o sentido vingativa, tem prestado e presta relevantes serviços ao partido regenerador, pois que, alem de perseguir escandalosamente os empregados publicos que não quizerem pertencer á sua grei, nunca deixou de praticar todas as prepotencias que se pódem imaginar, o sr. ministro do reino não o deve esquecer. Isso seria uma ingratidão. E' preciso, pois, que sua ex.ª o contente com a *posta* que elle deseja—a *posta* da administração do concelho. Deixe-se, portanto, o concelho em segunda ordem. Faça-se a vontade a quem, com a maxima *intelligencia* e *zêlo*, tem cumprido e cumpre as ordens do sr. Franco Castello Branco. E se depois não houver dinheiro que chegue para as despezas, que, de certo, hão-de augmentar muitissimo, a colleeta dos empregados publicos, que, actualmente, já é de cerca de 4 1|2 p. c., póde elevar-se a 10,12 ou 20 p. c. Sim, isso pouco ou nada importa. A questão é anichar-se o afilhado; e soffra quem soffrer. Ora, o *nobre* administrador substituto é protegido—já se vê—pelos srs. governador civil do districto e Albino Figueiredo, deputado do circulo. Não obstante, nós tambem o recommendamos ao sr. ministro do reino; e para que sua ex.ª saiba que o Chico tudo merece, vamos contar-lhe uma das suas ultimas proezas:

No dia 18 d'agosto proximo, e em conformidade com o disposto no respectivo estatuto, devia proceder-se á eleição da meza da confraria do Santissimo d'esta freguezia. A meza, porém, não a poude realisar, porisso que a *celebre* auctoridade administrativa, alem de reter em seu poder o orçamento da mesma confraria, que era indispensavel, ordenou, no dia 16 d'aquelle mez, que o thesoureiro lhe apresentasse, no espaço de 2 horas e sob pena de prisão, o respectivo archivo, o que elle, vendo-se assim ameaçado, não deixou de cumprir.

Depois, a eleição fez-se da seguinte fórma: O sapientissimo administrador substituto passou o orçamento e archivo para a mão do prior encommendado da freguezia, sr. padre Francisco Pereira Pinto; e este, que, por quaesquer motivos, é humilde servo d'aquelle, effectuou-a. E' claro que o sr. padre Pinto elegeu os individuos que o seu amo lhe indicou, alguns dos quaes de reconhecida incompetencia. Para o logar de thesoureiro, por exemplo, elegeu-se um individuo que ha tempo foi pronunciado pelo crime de burla. Bem sabemos que a meza podia protestar e recorrer no praso legal. Mas isso seria dar ao tal administrador substituto uma importancia que elle nunca teve, nem tem nem ha-de ter. A meza portou-se, pois, muitissimo bem. Nós fariamos o mesmo; quer dizer: punhamos de parte aquella personalidade, que, a nosso vêr, e por muitos titulos, é o escarneo e o refugo da sociedade portugueza.

Em vista do exposto, vê-se que o incomparavel Chico, que, por causa das taes proezas, já tem sido soccado dentro da administração e na sua propria residencia, está nas condições de continuar á testa d'este malfadado concelho. Por consequencia, é de crer que o sr. ministro do reino não olvide tão *preciosa* auctoridade. Deus o queira!

— Acha-se em Luzo o notavel chefe da estação telegraphica d'esta villa, Adelino Lopes Carreira, vulgo o Giesta. Consta que a *licença*, de que foi utilisar-se, é a consequencia da syndicancia que ha pouco se lhe fez. Se assim fôr, do que não duvidamos, a recompensa não nos parece condigna. O Giesta, pelos serviços que aqui tem prestado, que se julgam impagaveis, merece muito mais. Até se nos afigura que o proprio Martins Nogueira, uma *respeitavel* individualidade—pois que é pae-sogro do *celebre* administrador substituto—não é capaz de lh'os recompensar, ainda mesmo que as videiras deixassem de ser atacadas pelo maldito phylloxera. E' este o nosso pensar; e quer-nos parecer que o dr. Saraiva, *habilissimo* medico do partido d'este concelho, não deixará de abraçar enthusiasticamente o nosso idealismo. Deve fazel-o.

— A estação telegrapho-postal do districto acaba de restituir ao nosso amigo Paulo da Silva Poiares, proprietario e commerciante d'esta villa, a quantia de 40 réis, provenientes d'uma multa que o tal Giesta, indevidamente, lhe tinha applicado n'um bilhete postal.

— Parte brevemente para o Porto, e d'alli para Marco de Canavezes, o nosso prezado amigo e distincto professor complementar, Jeronymo Cardoso da Silva. Que faça boa viagem, e que regresse o mais depressa possivel, é o que do coração lhe desejamos.

— Por iniciativa do nosso prezado amigo, Mario Nogueira Ramos, um sympathico e intelligente rapaz, acaba de se fundar n'esta villa um club, que, na verdade, é um grande melhoramento para a terra. Oxalá que desfructe longa vida.

— Já se acha restabelecido dos seus padecimentos o nosso dilecto amigo, Manuel Henriques de Mattos, importante proprietario e chefe do partido progressista. As nossas felicitações.

— Um d'estes dias pairou sobre esta villa uma medonha trovoada que, felizmente, não teve consequencias fataes.

Pantaleão Mêstras.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291,293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

AVEIRO

Antonio Baptista Lobo, leccionista officialmente habilitado, avisa os srs. estudantes de que vai abrir aulas de mathematica, historia e geographia e da 2.ª parte do curso de sciencias naturaes, podendo tambem ensinar francez e inglez. Tudo, segundo o plano da nova reforma da instrucção publica.

Póde ser procurado em sua casa das 10 da manhã ás 4 horas da tarde.

Póde egualmente leccionar escripturação e contabilidade commercial, por partidas simples e dobradas.

VENDA DE BOM PREDIO EM ESGUEIRA

CONVINDO as propostas, vende-se em tres lotes o predio pertencente a Manuel Antonio Loureiro de Mesquita, sito na rua dos Balcões, em Esgueira, e que consta de casas e quintas.

Quem desejar conhecer a area que corresponde a cada lote, e o que entra em cada um, dirija se a Samuel Augusto, na mesma localidade.

Para tratar falle-se com Egberto de Magalhães Mesquita, em Aveiro.

ARREMATAÇÃO

NO dia 29 de setembro proximo, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca, sito na Praça Municipal d'esta cidade, conforme o ordenado nos autos de execução de sentença no processo comminatorio em que são exequentes Miguel Ferreira d'Araujo Soares e mulher D. Carolina Augusta de Moraes Ferreira, proprietarios, d'esta cidade, e executado o bacharel Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, viuvo, proprietario, de S. Silvestre, comarca de Coimbra, se ha de arrematar em hasta publica a prestação do facto, que consiste em remover as terras segundo a prumada da aresta leste da valla, desaffrontando a linha divisoria dada pela mesma aresta, cortando-se os ramos e raizes, bem como a terra, seguindo a mesma prumada, ou perpendicular, fazendo-se o córte n'uma rampa de 1 de base por 3 de altura, de forma que fique restabelecido o estado anterior dos resvalamentos do terreno e arbustos, para que a valla ou regueira dos exequentes fique desembaraçada e limpa entre o predio dos mesmos exequentes e o do executado, situados em Arada, nos sitios denominados a *Quinta do Braz* e *Fonte do Lila*, tudo de harmonia com o que consta dos autos.

O arrematante tem de prestar caução por quantia equivalente ao preço da arrematação, e os trabalhos indicados devem realisar-se no proximo outono.

Aveiro, 28 de agosto de 1895.

Verifiquei.

O juiz de direito

Mello.

O escrivão do 4.º officio,

Leandro Augusto Pinto do Souto.

CONCURSO

SECRETARIA DO CONSELHO DO ALMIRANTADO

1.ª REPARTIÇÃO—SECÇÃO DE PHAROES

DE ordem do conselho do Almirantado se annuncia, que está aberto concurso, até ao dia 15 de outubro proximo futuro, para a admissão de pharoleiros supra-numerarios, nas capitanias dos portos e delegações seguintes:

Porto, Aveiro, Figueira da Foz, Lisboa, Setubal, Lagos, Ponta Delgada, Peniche, Sines, Milfontes e Ilha de S. Jorge.

As condições acham-se designadas no regulamento approvado por decreto de 4 de janeiro de 1894, publicado no *Diario do Governo* n.º 5 do mesmo anno, e os requerimentos devidamente documentados, devem ser entregues nas respectivas capitanias e delegações maritimas, onde egualmente se prestam os esclarecimentos necessarios.

Secretaria do conselho do Almirantado, 28 de agosto de 1895.

O Secretario,

Pedro Ignacio do Rio Carvalho

Capitão de mar e guerra

MUDANÇA DE ESCRIPTORIO

O do sr. Dr. João Carlos Freire Themudo Rangel, no Porto, mudou se para a rua de S. João Novo, n.º 9.

MARINHAS

SOBRE diversas marinhas, no Sado, de ha tempo por explorar, faz-se transacção regular.

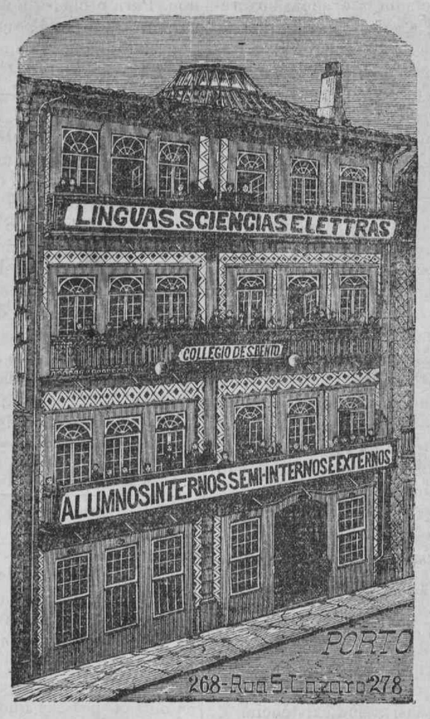
A tratar com Mauricio d'Oliveira, em Setubal.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITES EM SANTAREM

AMILCAR VIRISSIMO, com casa de commissão d'azeites, na rua de S. Nicolau n.º 69, em Santarem, tem um grande deposito do genero, do mais especial, e de differentes procedencias. Fornece qualquer quantidade, não inferior a casco, pelos preços do mercado. Os srs. negociantes d'este genero, pódem dirigir-se-lhe pessoalmente, ou por carta, e a qualquer pedido satisfará promptamente.

COLLEGIO DE S. BENTO

COLLEGIO DE S. BENTO



268, RUA DE S. LAZARO, 278—PORTO

268, RUA DE S. LAZARO, 278—PORTO

268, RUA DE S. LAZARO, 278—PORTO

Este importante estabelecimento, inaugurado em outubro de 1893, habilitou n'esta epoca, em differentes disciplinas, 465 alumnos, obtendo todos excellentes classificações nos seus exames.

O Collegio de S. Bento está situado n'um dos logares mais hygienicos e aprazeveis da cidade do Porto. O edificio em que está installado, é de molde a satisfazer por completo, sendo de notar que, por muitos annos, esteve n'elle installada a casa de saude do medico Ferreira.

Recebem-se alumnos internos, semi internos e externos.

Ensinam-se todas as disciplinas do Curso Complementar dos Lyceus, sendo o ensino regulado segundo o plano da ultima reforma de instrucção secundaria. Além das disciplinas que constituem o Curso Complementar dos Lyceus, ensina-se gymnastica, musica, dança, conversação franceza, e ingleza, bem como tudo o mais que exige a moderna educação.

O corpo docente é o mais escrupulosamente escolhido, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista litterario. Envia-se o regulamento a quem o requisitar no escriptorio do estabelemento ao

Director,

Bento José da Costa.

MUITA ATTENÇÃO

AOS SRS. BANHISTAS DA BARRA

Arthur Paes acaba de abrir na Barra, na antiga casa do Calção, á Cambeia, uma filial da sua loja, onde os srs. banhistas encontrarão á venda um pouco de tudo que diz respeito a mercearia, confeitaria, papelaria e tabacos, pelos preços de Aveiro.

Chama a attenção para o sortido de charutos finos estrangeiros, bem como para o bescoito de leite que tem tido uma justa acceitação. Tambem recommenda, para sobremeza, a **pera secca do Douro**, e o queijo secco do Alemtejo.

Rebuçados Milagrosos, que debelam rapidamente as tosses e outros padecimentos dos orgãos respiratorios.

CENTRO COMMERCIAL E VELOCIPEDICO

45—RUA DA SOPHIA—45

COIMBRA

O proprietario d'este Centro, tem o prazer de communicar aos distinctos velocipedistas de Portugal, que acaba de tomar a representação da Bicyclete **Raleigh**, a que mais premios tem obtido no mundo. Esta Bicyclete, é d'uma construcção elegante e solida, reunindo os mais recentes aperfeiçoamentos até hoje conhecidos. E' veloz, suave, e d'uma elegancia admiravel.

Tambem ha um deposito enorme em bicycletes d'aluguer, as quaes aluga por horas, dias, ou mezes, havendo contractos especiaes em quaesquer dos casos.

Deposito de machinas de costura para familias, alfaiates, sapateiros, e correeiros. Deposito de pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Artigos electricos, oculos e lunetas.

Todos os artigos d'este Centro, são vendidos a prestações ou a prompto pagamento, á vontade dos dignos freguezes, devendo os contractos dos pianos serem liquidados em 36 mezes, bicycletes em 18 mezes, machinas a 500 réis semanaes. Os contractos n'este Centro são feitos com a maior lizura e sem juro de capital.

43—Rua da Sophia—45

COIMBRA

GRANDES ARMAZENS DE MODAS

SOUSA BRAGA

24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—50

PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.
Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.
Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.
Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.
O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em divesas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte de vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beije e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.
Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.
Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.
Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.

SAL

JOSÈ EDUARDO DE CASTRO, vende na sua marinha excellente sal velho a 7:500 réis cada moio.

BOTE

VENDE-SE um muito veleiro, de excellente construcção e optimamente aparelhado. Quem o pretender dirija-se a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

TRICYCLE

VENDE-SE um solido e leve e quasi novo, por preço rasoavel. Carta a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das

AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS

do Doutor **DEHAUT** de Pariz.

2$50 Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o SELLO da UNION DES FABRICANTS applicado como um sello do correio é uma FALSIFICAÇÃO contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado. 5$

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da orte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GRANDE DEPOSITO DE SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3|4 0|0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

BICYCLETAS CLEMENTE

ACABAM de chegar á CASA MEMORIA, de Antonio José Alves, rua do Visconde da Luz, os ultimos modelos de 1895, tanto para passeios como para corridas.

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇOS

Tendo a casa *Clement* resolvido este anno vender as suas machinas a preços certos, participou aos revendedores que lhes era prohibido fazer vendas por outros preços que não sejam os que estão indicados no catalogo de 1895.

N'estas condições são as machinas vendidas ao publico pelos mesmos preços, accrescendo unicamente os direitos de alfandega e mais despezas. Por esta fórma póde qualquer individuo comprar hoje uma verdadeira *Clement*, mais barata do que qualquer outra marca ordinaria!!!

Unicamente á venda na *Casa Memoria*, rua udo Visconde da Luz—COIMBRA.

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio est bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uso das thermas dos Cucos e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,

Ernesto Nobre.

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONQUITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, FISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

PULVERISADORES

CALDA BORDALEZA EM PO

SULFOSTEATITE

ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em

Alquerubim

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO

R. MARTINS DE CARVALHO

43—RUA DA SOPHIA—45

Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Correeiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficamindicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYEIS, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.

—Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA

UITO GRANDES, ARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivospara os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

FERRO QUEVENNE Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris.
Cura Anemia, Pobreza de Sangue, Perdas, Dores de Estomago.—50 annos de successo.
Exigir em cada frasco de Ferro Quevenne o sello da "UNION des FABRICANTS". 14, r. Beaux-Arts, Paris.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenica salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0 1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Biancard, Wallet, dit as le Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOCTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estancarios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÈ ALVES

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.